

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – MESTRADO

THIAGO AZEVEDO

**QUANDO DIZER (NÃO) É FAZER: A INFELICIDADE
PERFORMATIVA DOS ATOS DE FALA.**

RECIFE/2024

THIAGO AZEVEDO

**QUANDO DIZER (NÃO) É FAZER: A INFELICIDADE
PERFORMATIVA DOS ATOS DE FALA.**

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial exigido para o recebimento do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Ontologia e Linguagem

Orientador: Rogério Fabianne Saucedo

RECIFE/2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Azevedo, Thiago.

Quando dizer (não) é fazer: a infelicidade performativa dos atos de fala / Thiago Azevedo. - Recife, 2025.
79f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2024.

Orientação: Rogério Fabianne Saucedo.

Inclui referências.

1. Atos de fala performativos; 2. Falácia descritiva; 3. (In)felicidade performativa; 4. (In)sucessos; 5. (In)eficácia comunicativa; 6. Ato de fala total. I. Saucedo, Rogério Fabianne. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

DEDICATÓRIA

As memórias de Marcos Antônio Azevedo, Luís Soares da Silva e Anderson Assunção: homens que me ensinaram que princípios e valores não possuem prazo de validade.

AGRADECIMENTOS

A Deus por conduzir-me até aqui. Aos meus familiares, em especial, minha genitora Sônia Azevedo. Ela que sempre será coautora em tudo que eu venha a produzir na vida. À Cristina Gonçalves, minha noiva, que tanto me encorajou a permanecer nessa missão. Às instituições que me ajudaram na caminhada acadêmica. Ao PPGFIL da UFPE, bem como ao coordenador deste departamento, professor Marcos Silva e ao Professor Juliano do Carmo, da UFPEL, ambos muito me ajudaram na caminhada deste mestrado e compuseram as bancas de avaliações que avaliaram minha pesquisa. E, por fim, Rogério Saucedo. Meu orientador que com paciência e dedicação tanto me ajudou a concluir este ciclo.

RESUMO

A noção de (in)felicidade performativa é central para a análise da intencionalidade dos atos de fala. A análise mostra a ruptura que se dá entre o dizer e o fazer. Assim, a ação advinda do ato de fala no mundo pode (re)velar a verdadeira intenção do falante. Nesse sentido, se pensamento e intenção desembocam nas ações que permeiam o mundo, então as ações fornecem material para o estudo das (in)felicidades performativas dos atos de fala. Pensamentos e intenções desembocam em ações no mundo. Logo, esse material serve de análise para as (in)felicidades performativas. (In)felicidade implica diretamente em sucesso ou insucesso, em eficácia ou ineficácia de um ato de fala performativo. Sendo assim, o significado dos enunciados assume um viés pragmático, pois prioriza os processos linguísticos e os elementos constitutivos da linguagem que se dão na concretude da fala, na linguagem ordinária. A linguagem compõe a realidade do mundo e o performa. Desse modo, pode-se denunciar a falácia descritiva, ou seja, fenômenos linguísticos que parecem ser descrições, mas, que na verdade, são ações que ocorrem concomitantemente com o dizer. Tais fenômenos são expressões performáticas. Estas podem ser “felizes” ou “infelizes”. Uma expressão performática é feliz quando acarreta sucesso, eficácia comunicativa e está em conexão com diversos elementos linguísticos convencionais e intencionais inerentes ao contexto de fala. Concedendo assim validade performativa e uma boa qualidade performativa ao enunciado. Uma expressão performática é infeliz quando acarreta insucesso, ineficácia comunicativa, não estando em conexão com os elementos linguísticos, convencionais e intencionais do ambiente de fala. Ela incorre em falhas que ocorrem entre o dizer e o fazer. Não concedendo validade performativa e nem uma boa qualidade performativa ao enunciado. Comprometendo assim o ato de fala. Por isso, uma teoria que analise o lugar da (in)felicidade nos atos de fala contribui para a análise da intencionalidade materializada no dito por meio do ato de fala total: da intenção à ação. E serve como controle da qualidade performativa e da validade performativa da fala. Portanto, explicar o lugar da (in)felicidade nos atos de fala performativos é central para a compreensão dos (in)sucessos e da (in)eficácia comunicativa dos processos da linguagem.

Palavras-chave: atos de fala performativos; falácia descritiva; (in)felicidade performativa; (in)sucessos; (in)eficácia comunicativa; intencionalidade; ato de fala total; qualidade performativa e validade performativa.

ABSTRACT

The notion of (un)happiness is central to the analysis of the intentionality of performative speech acts. The analysis shows the rupture that occurs between saying and doing. Thus, the advised action of the speech act in the world (re)reveals the true intention of the speaker. In this sense, if thought and intention lead to the actions that permeate the world, then the actions provide material for the study of the performative (in)felicity of speech acts. Thoughts and interest lead to actions in the world. Therefore, this material serves as an analysis of performative (in)felicity. (In)felicity directly implies the success or failure, effectiveness or ineffectiveness of a performative speech act. Therefore, the meaning of statements takes on a pragmatic view, as it prioritizes linguistic processes and the constituent elements of language that occur in the concreteness of what is said, in ordinary language. Language makes up the reality of the world by performing it here. In this way, one can denounce the descriptive fallacy, that is, linguistic manifestos that appear to be transparent, but which, in fact, are actions that occur concomitantly with saying. Such manifestations are performative expressions. These can bring "felicity" or "infelicity". A performative expression brings felicity when it brings success, communicative effectiveness and is in connection with several occasional and intentional linguistic elements inherent to the speech context. Thus, granting performative validity and a good performative quality to the statement. A performative expression brings infelicity when it entails failure, communicative ineffectiveness, not remaining in connection with the linguistic, conventional and intentional elements of the speech environment. It is incorrect in a gap between saying and doing. Not granting performative validity or good performative quality to the statement. So, compromise the act of speaking. Therefore, a theory that analyzes the place of (in)felicity in speech acts contributes to the analysis of intentionality materialized in what is said through the total speech act: from intention to action. And it serves as a control of the performative quality and performative validity of speech. Therefore, explaining the place of (in)felicity in performative speech acts is central to understanding the (in)successes and communicative (in)effectiveness of language processes.

Key-words: performative speech acts; descriptive fallacy; performative (in)felicity; (un)successes; communicative (in)effectiveness; intentionality; total speech act; performative quality and performative validity.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	7
2.	OS ATOS DE FALA COMO AÇÕES PERFORMÁTICAS NO MUNDO: O CENÁRIO IDEAL PARA A (IN)FELICIDADE PERFORMATIVA	13
2.1	OS ATOS DE FALA E SEUS ACIDENTES: A INTENCIONALIDADE COMO ELEMENTO CHAVE PARA COMPREENSÃO DA INFELICIDADE PERFORMATIVA	25
2.2	INFELICIDADES PASSIONAIS OU DE MÁ INVOCÇÃO: O CARÁTER ILOCUCIONAL	39
2.3	INFELICIDADES FUNCIONAIS OU DE MÁ EXECUÇÃO: O CARÁTER PERLOCUCIONAL	47
3.	A PRAXIOLOGIA DO QUERER: A DINÂMICA DA INFELICIDADE PERFORMATIVA	51
3.1	A INFELICIDADE PERFORMATIVA COMO MÉTRICA DE (IN)SUCESSO DOS ATOS DE FALA	62
3.2	OS PERFORMATIVOS (IN)FELIZES: UMA ARQUITETÔNICA DA REALIDADE POR MEIO DOS ATOS DE FALA	68
3.3	A INFELICIDADE PERFORMATIVA COMO BASE PARA UMA TEORIA DA AÇÃO: AÇÃO É SIGNIFICADO	73
4.	CONCLUSÃO	78
5.	REFERÊNCIAS	81

1. INTRODUÇÃO

A teoria dos atos de fala ganha contorno pragmático quando Austin começa a analisar a relação entre o dizer e o agir, sobretudo no seu trabalho “Word and deeds” (Austin, 1955). Nesse trabalho, ele denuncia a falta de análise de um fenômeno linguístico: que algumas situações de fala estão permeadas por palavras que realizam ações (in)diretas no mundo. Nesse sentido, tais fenômenos linguísticos geram pseudo-descrições e pseudo-constatações. Austin denomina esses fenômenos de falácias descritivas. Essa ênfase dada e esse contorno pragmático enfatiza a segunda fase de seu pensamento. Que é marcada pela ideia de que a dimensão performativa da linguagem, de alguma forma, sobrepõe às dimensões descritivas e constataativas. Desse modo, para Austin (1954, p. 70) “falar é agir sobre o mundo”.

Nesse sentido, essas reflexões findam por desmoronar a parede que separa a linguagem e o mundo, pois a linguagem não é mais vista apenas como uma forma de descrição do mundo ou como uma estrutura paralela ao mundo que apenas o diz. Agora, a linguagem é um componente da realidade e dos fatos dentro do próprio mundo. A linguagem performa a fala. Por isso, enunciados que geram ações diretas (ou indiretas) no mundo não são descrições, mas sim performativos felizes ou infelizes. Por exemplo, quando o juiz de paz declara diante dos noivos “*Eu vos declaro marido e mulher*”, ele realiza uma ação no mundo, uma vez que ele institui uma entidade social reconhecida pelo estado. Ou seja, o juiz institui um casamento. Portanto, o juiz realiza uma ação ao falar. Consequentemente, situações linguísticas desse tipo necessitam de uma pragmática específica e de uma teoria da ação para serem analisadas. Austin desenvolve isso em “How to do things with words” (Austin, 1950). A partir de um ponto de vista pragmático, Austin considera que os atos de fala performativos possuem diversos elementos. Sendo um dos principais a “performance”. Uma ação performativa que ocorre concomitantemente com a fala.

Para realçar isso, temos o neologismo “performar” a partir do verbo “to perform” e o termo “operativo” a partir da palavra “operation”. Nesse sentido, o performativo embasa a ideia de que “dizer é fazer” em “How to do things with words”. Aqui, o pressuposto é que quando proferimos determinadas sentenças, junto com elas vai uma carga performática – a ação. Portanto, tem-se uma espécie de praxeologia do dito. A ação é o resultado final de todo o processo de fala. Se em algumas situações da fala revelam uma ação no mundo, logo essa ação deve ser o crivo para julgar aquilo

que foi falado. No sentido da ação se encaixar com a fala que lhe precedeu. É nesse sentido que se aplica a palavra praxiologia – estudo da ação.

A carga performática carrega outro elemento basilar dos atos de fala, a saber, a intencionalidade do falante. Para entendê-la é útil recorrer à metáfora austiniana da linguagem como um “iceberg” (Austin, 1946, p. 116). Nesse sentido, a dimensão pragmática da linguagem está abaixo da dimensão semântica. Dito de outra forma, a ponta do iceberg é a semântica e a parte submersa é a pragmática. Desse modo, conforme aponta Ruffino (2022, p. 58)¹, *“a pessoa que recebe a frase deve interpretar um enunciado tendo em vista o conteúdo proposicional do ato proferido e, também, todos os marcadores presentes na situação comunicativa em que este é proferido”* (Grifo nosso). Por isso, é necessário que os atos de fala performativos sejam explorados. Assim, a performance realizada no mundo e a carga intencional presente no dizer são classificadas como os principais elementos que se materializam na pragmática. Devendo ser abordados na análise, sobretudo, daquilo que gera infelicidades performativas dentro do sistema dos atos de fala. Ou seja, erros e falhas na comunicação. Disso decorrem os (in)sucessos e a (in)eficácia comunicativa. Insucessos e ineficácia comunicativa promovem rupturas que ocorrem entre o dizer e o fazer. Dito de outra forma, sobretudo, ocorrem quando o ato de fala performado e materializado no mundo não se conecta com o que foi enunciado outrora, Demonstrando assim uma ruptura na intenção de seu enunciador.

Um exemplo disso é o caso do político que promete investir na educação com valorização profissional e melhorias na condição de trabalho dos professores: jornada de trabalho, aumento salarial e equipamentos tecnológicos para os profissionais da educação. Após se eleger, ele manda pintar o muro de uma escola e alega que cumpriu com o prometido. Aqui, configura-se um tipo de falha e insucesso presente na performance do ato de fala que é percebido pelo resultado que a ação do falante produziu no mundo. Ou seja, configura-se uma ruptura entre o dizer e o fazer (quando dizer (não) é fazer). Uma infelicidade performativa, um insucesso e uma ineficácia comunicativa. Quando o político afirmou que investiria na educação melhorando a condição de trabalho dos professores, deixou claro as áreas onde iria investir. Sendo assim, existe uma distância e uma ruptura que ocorre entre o dito e o performado no mundo. E isso caracteriza as infelicidades performativas. Pois, no exemplo em tela, a

¹ Minha tradução.

ação produzida no mundo pelo seu ato de fala performativo, apenas demonstrou que o locutor estava mal intencionado. Assim, a performance realizada no mundo revela que sua carga intencional. É nesse sentido que a realidade pode ser construída tendo como base enunciados infelizes. E o conceito de erro e falha na comunicação transcende a esfera apenas da compreensão e das exigências gramaticais. Muitas vezes tudo que se enuncia é compreendido, mas a realidade se encontra repleta de fatos concretos construídos em cima de enunciados mentirosos.

Para Austin (1950) *“uma realidade construída com base em enunciados infelizes, é uma realidade comprometida, isso tendo em vista os aspectos éticos e morais”* (Grifo nosso). Nesse sentido, performance (ação) e carga intencional são dois elementos pragmáticos importantes do dizer. Além disso, as convenções sociais e as convenções linguísticas pré-estabelecidas também contribuem para as condições de produção dos atos de fala performativos. Por isso, se faz necessário uma teoria da ação capaz de averiguar o dito tendo em vista essas dimensões. Sendo assim,

[...] a teoria dos atos de discurso pode analisar as condições de felicidade dos diálogos com um objetivo conversacional que faz parte de todo discurso, pois eles são conduzidos de acordo com um sistema de regras constitutivas (Vanderveken; Souza. 2019, p. 47).

É nesse sentido que os diálogos e a conversação se encontram permeados de atos de fala performativos. E estes se encontram repletos de outros aspectos importantes para a presente análise. Porém, dois se destacam, a saber: a performance e a carga intencional que nutre todo sistema dos atos de fala performativos. A ação deve estar conectada com a intenção do falante. Isso é aferido no momento em que a ação que procede da fala se concretiza no mundo. É nisso que implica a análise das condições de felicidade performativa dos diálogos repletos de atos de fala performativos. E ao se encontrar as condições de felicidade performativa presente no dizer, tem-se, por exclusão, as condições de infelicidade performativa. Nesse sentido, tem-se dois grupos de categorias que podem levar o ato de fala a fracassar devido as infelicidades performativas: **as más execuções e as más invocações**. O primeiro grupo diz respeito a uma falha ocorrida na execução e nos procedimentos práticos do ato. Pode-se dizer que são falhas funcionais. Geralmente, ocorrem quando o dito não se encaixa com a ação que segue do proferimento. Esse é o caso, por exemplo, de médicos que realizam o exercício da medicina de forma ilegal, sem o devido preparo advindo de uma formação que os deixem aptos ao

exercício da medicina. Suas ações estão comprometidas devido a ruptura que existe entre o que fazem e o que falam. Pois, os atos de fala performativos destes profissionais no mundo, se encontram desacompanhados de um fator necessário que serve para legitimar suas ações no mundo.

Nesses casos, dizer (não) é fazer. O mesmo vale para um pedreiro que, porventura, realiza a cerimônia de enlace matrimonial de um casal. Como o pedreiro não tem autorização e nem reconhecimento social para realizar o casamento, então o ato de fala fracassa e/ou não tem sucesso, pois há uma má execução.

Nesse sentido, o ato foi malogrado. Por mais que o ato de fala tenha sido completado, ele não vale, pois foi realizado por alguém que não é autorizado para tal. Por isso, ocorre uma falha na execução e o ato se torna nulo. O erro na execução da ação anula funcionalmente todo o procedimento, mesmo que aspectos gramaticais e linguísticos de convenções sociais específicas estejam sendo atendidos. E mesmo que haja compreensão do que está sendo proferido. O segundo grupo de falhas diz respeito ao aspecto passional, ou seja, aos sentimentos e à intenção dos falantes. Imagine, por exemplo, que um casal está casando-se, mas uma das partes não deseja se casar. Na verdade, ela está apenas cumprindo formalidades e conveniências impostas pela sociedade ou por qualquer outra instância. Nesse caso, o ato de fala se torna nulo por mais que se diga sim à pergunta do juiz de direito, pois há uma ruptura entre o dito e o intencionado. A ruptura é de âmbito passional pelo fato de ocorrer em primazia no âmbito sentimental do falante. E, em algum momento, se concretizará em ações no mundo. Sobretudo quando o casamento se concretizar de acordo com as leis. Esse ato de fala em específico está carregado de equivocidade - equívoco. Nesse sentido, o ato de fala malogra por causa de sua má invocação, tal como nos casos das promessas esvaziadas de compromisso ético e moral. Por mais que o ato de fala se concretize e seja executado funcionalmente, por mais que haja compreensão do que está sendo proferido, ele fracassa por conta da má invocação de quem o proferiu. A pessoa que proferiu o fez mal intencionado. Austin classifica essa atitude como sendo uma espécie de “abuso e imoralidade” (Austin, 1960, p. 32).

A intencionalidade e a performance presentes nos atos de fala podem ser vistos como a principal matéria prima para esses tipos de equívocos. Esses elementos podem levar os atos de fala ao fracasso e à nulidade. A falha que decorre do aspecto funcional, bem como a nulidade que decorre da má invocação, não podem existir dentro dos processos e procedimentos linguísticos. Portanto, devem ser eliminadas

para que haja felicidade performática. Elas devem ser eliminadas pela presença da boa intenção do autor da promessa que desembocará em uma ação no mundo condizente com o que foi prometido e intencionado. Sendo assim, a infelicidade dos atos de fala performáticos decorre de falhas comunicacionais que deformam e comprometem o dizer e o fazer. Esses casos, portanto, configuram situações caracterizadas pela máxima “quando dizer (não) é fazer”.

A teoria dos atos de fala concebe a linguagem como uma espécie de sistema cujo funcionamento deve ocorrer sem falhas. Ela não se interessa em determinar como a linguagem deve ser, mas estabelece critérios para que a comunicação possa acontecer sem falhas. Sobretudo na nova visão que une linguagem e ação. Nesse sentido, a ausência de insucesso é a performance feliz. Se o sistema funcionou sem falhas e produziu os efeitos esperados, então se tem uma performance feliz. Isso implica dizer que o ambiente que engloba todo o ato de fala funcionou sem insucessos, sem falhas, sem malogro, sem equívocos - sem infelicidades.

Quando o proferimento for um desacerto, o procedimento invocado é esvaziado de sua autoridade e assim nosso ato é nulo ou sem efeito [...] se as pessoas não estão em posição de realizar o ato, então o ato em questão não se realiza com êxito, não se efetua, não se concretiza. Nos dois casos, ao contrário, o ato é concretizado, embora realizá-lo e, tais circunstâncias, digamos, quando, por exemplo, somos insinceros, seja um desrespeito ao procedimento. Isto se passa quando digo “prometo” sem ter a intenção de cumprir o prometido. (Austin, 1990, p. 31).

Se surge uma falha no sistema, conforme a passagem acima, seu funcionamento e os resultados esperados são comprometidos. Nesse caso, tem-se a infelicidade do ato de fala, ou seja, uma performance infeliz carregada de algum equívoco. O que fica claro a partir dos pressupostos austinianos é que a realidade do mundo pode ser configurada a partir de atos de fala infelizes. E uma realidade baseada nesse pressuposto, é nula e vazia de sentido. Por exemplo, imagine que um jogador de futebol, ao fazer um gol, não percebe que estava em posição de impedimento. Mesmo assim, ele conclui o lance e faz o gol. Após isso, segue comemorando junto da torcida. O fato é que tudo que acontece após o gol irregular é nulo e sem sentido. Uma vez que o que se comemora, não tem validade. Nesse sentido, a realidade pode se configurar da mesma forma. Suponha a cerimônia do batismo cristão. O batismo só pode ser realizado por uma pessoa habilitada ao rito e de acordo com procedimentos específicos. O batismo cristão só pode ser realizado

com sucesso por um oficial legalmente instituído para o procedimento. O oficial é reconhecido pela comunidade linguística e é apto para realizar o procedimento. Até mesmo as palavras utilizadas nesses cenários (atos de fala), devem ser familiares àquela situação específica. Caso contrário, as performances do(s) ato(s) de fala não serão felizes. Se elas não são felizes, configuram-se equívocos que desembocam nas infelicidades dos atos de fala. Uma vez que o ato de fala realiza uma ação no mundo, necessariamente ele deve ser avaliado a partir do resultado dessa ação em conjunto com as condições de produção do dito. Desse modo, a análise dos verbos performativos, como, por exemplo, “realizo”, “declaro”, “faço”, “concedo” e “prometo” ajuda a explicar melhor o fenômeno dos atos de fala, pois eles denunciam se o dizer coincide ou não com o fazer. Isso é assim, seja em caráter direto ou indireto; seja no momento em que a ação se concretiza no mundo, ou seja, no momento em que a invocação do ato de fala seja emitida. Como se trata de verbos que necessariamente implicam em ações no mundo, tais ações podem ser checadas a partir da fala que as originaram. Nesse sentido, a teoria dos atos de fala performativos e o estudo do conceito de (in)felicidade presente nesses atos de fala, ajudam a metrificar se o discurso está conectado com a realidade por meio da ação que dele resulta. É por meio da ação do agente no mundo que sua intenção se materializa.

Dessa forma, existem verbos que realizam ações no mundo ao serem proferidos em diferentes situações. Se a ação não é realizada concomitantemente com o dizer, configura-se uma infelicidade funcional. Se a ação é realizada concomitantemente com o dizer, mas sem as devidas intenções envolvidas, tem-se as infelicidades passionais. Assim, a teoria dos atos de fala não perde de vista o conceito de verdade, mas o reveste de uma moldura pragmática. A verdade no sistema dos atos de fala é a felicidade dos atos de fala. Dito de outro modo, a total eficácia comunicativa. Caso contrário, é a infelicidade do ato de fala, ou seja, a ineficácia comunicativa. Nesse sentido, há uma diferença fundamental entre a proposta de Austin e a proposta da tradição analítica de Cambridge. A tradição analítica priorizava a análise das sentenças descritivas com vista nos referentes dos sinais, pois a verdade envolvia tudo que a linguagem capturava no mundo. Austin, no entanto, prioriza a ação do falante e a inclui a noção de verdade na análise pragmática. Desse modo, a teoria dos atos de fala pragmatiza a noção de verdade e a reveste com uma moldura pragmática. Nesse sentido, a verdade está conectada com a

intenção, a fala e a ação no mundo que resulta de tudo disso. A verdade, portanto, encontra-se entre o dizer e o fazer.

Contudo, deve-se ter em conta os casos em que se diz, mas não se faz. Dito de outro modo, os casos que geram as falhas, os erros, os insucessos e os equívocos - as infelicidades. São essas falhas que podem tomar conta dos atos de fala performativos. Nesses casos, dizer não é fazer. A teoria dos atos de fala não considera que a linguagem desempenha apenas a função descritiva, pois a linguagem configura e se entrelaça com os próprios fatos do mundo. Dito de outro modo, a linguagem satura o mundo. Portanto, com essa proposta pragmática tem-se a necessidade de uma teoria da ação. Esta pode ser considerada como um suporte teórico, pois complementa a análise pragmática da linguagem. Para a análise pragmática, a ação do falante no mundo é a métrica para se julgar o que se diz. Dizer é fazer. Nesse sentido, para desenvolver o objetivo geral mencionado acima, esta dissertação conterá dois capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “Os atos de fala e suas ações performáticas no mundo: o cenário ideal para a (in)felicidade”, serão analisados os efeitos dos atos de fala no mundo e suas consequências para a emergência de uma teoria da ação. O objetivo deste capítulo será mostrar que os atos de fala são peças-chaves nos estudos da linguagem. Este ponto será desenvolvido em três subtópicos. O primeiro, intitulado “Os atos de fala e seus acidentes: a intencionalidade como elemento chave na compreensão da infelicidade dos atos de fala”. O segundo, “Infelicidades passionais ou de má invocação: o caráter ilocucional”. Por fim, o subtópico, “Infelicidades funcionais ou de má execução: o caráter perlocucional”. No segundo capítulo, intitulado “A praxiologia dos atos de fala infelizes: da intenção à ação”, será analisado parte dos elementos condicionantes dos atos de fala, sobretudo a intencionalidade. O objetivo deste capítulo será analisar a estrutura dos atos de fala, suas características principais e o conceito de infelicidade que surge dessa dinâmica. Para tanto, o capítulo conterá três subtópicos. O primeiro, intitulado “A infelicidade como métrica de (in)sucesso dos atos de fala”. O segundo, “Os performativos felizes e infelizes: uma arquitetônica dos atos de fala”. Por fim, o terceiro subtópico “A infelicidade como base para uma teoria da ação: ação é significado”. Dessa forma, será possível mostrar que o sistema dos atos de fala performativos é melhor compreendido a partir do conceito de Infelicidade que deriva das falhas que ocorrem entre o dizer e o fazer.

2. OS ATOS DE FALA COMO AÇÕES PERFORMÁTICAS NO MUNDO: O CENÁRIO IDEAL PARA A (IN)FELICIDADE PERFORMATIVA.²

A proposição é figuração da realidade; pois conheço a situação representada por ela quando entendo a proposição. E entendo a proposição sem que o sentido me seja explicado (Wittgenstein, 1968, 4.021).

O aforismo acima evidencia que Wittgenstein concebia a linguagem como uma forma de descrição do mundo. Sendo assim, mundo e linguagem eram concebidos como estruturas paralelas relacionadas pela relação projetiva. Nesse sentido, a linguagem diz os fatos. Como a forma lógica é o elemento comum à linguagem e ao mundo, parte da tradição analítica entendia a linguagem a partir do viés lógico. Nesse sentido, a filosofia é a aplicação da lógica à linguagem ordinária. Sendo assim, a linguagem ordinária teria muito a esconder e a revelar. Essa tradição analítica desenvolveu uma teoria do significado que mais tarde ganharia contornos positivistas, tendo em vista o princípio da verificabilidade das condições de verdade de um enunciado, o que iria desembocar na teoria da referência.

Em contrapartida, a teoria dos atos de fala surge para mudar o paradigma no estudo da linguagem. Sobretudo dentro do contexto da linguagem ordinária (linguística). A partir dos pressupostos da virada pragmática que nutria a linguagem ordinária, estes que visam a observar mais a linguagem na concretude da fala, a linguagem passa a ser vista como um fenômeno que penetra a realidade das pessoas e ocorre junto com a dinâmica existencial de cada uma delas. A linguagem tem que ser pensada dentro desse panorama. Por isso, o estudo pragmático da linguagem ganha corpo, assim como as teses que se debruçam sobre a linguagem ordinária. Austin é um dos pensadores que lança mão desse novo horizonte temático. Com base nele, promove uma nova abordagem da linguagem, a saber, a análise do fenômeno dos atos de fala performativos que desembocam em ações diretas no mundo. Este fenômeno requer uma análise diferente daquela fornecida pelas teorias da referência, pois estas são incapazes de levar em conta a dimensão pragmática da linguagem em sua completude.

² A palavra (in)felicidade com os parênteses, implica que os dois conceitos (felicidade e infelicidade performativa) irão ser abordados. Um contrapondo o outro. Quando a palavra vier sem os parênteses, implicará apenas no conceito de infelicidade performativa.

Esse horizonte mais pragmático da linguagem já tinha sido prenunciado de certa forma por Wittgenstein, com seu conceito de "Jogos de linguagem" e "uso". A teoria wittgensteiniana da linguagem já previa um lugar de destaque para a noção de intenção dentro de suas reflexões. Conforme a passagem abaixo, Wittgenstein afirma

Não me envergonho do que fiz naquele momento. Mas da intenção que tive. Mas a intenção não reside também no que fiz? O que justifica a vergonha. Toda a história do incidente (Wittgenstein, 1979, p. 46).

Desse modo, a análise pragmática da linguagem e a busca pelo elemento intencional que se manifesta no mundo físico, de alguma forma, já era algo que se encontrava no radar dos estudiosos da linguagem. E isso advinha do caráter dinâmico da língua, uma vez que pensamentos e intenções desembocam em ações no mundo. Todo esse material se une na produção dos atos de fala. Assim, surge a base da nova análise da linguagem marcada pela distinção dos elementos semânticos nos mais diversos contextos pragmáticos e situações de fala específicas. A noção de "Jogos de linguagem" confere contornos pragmáticos aos fenômenos da língua. Austin leva adiante o trabalho de observância contextual do dito e de sua produção nos mais determinados âmbitos da vida. Com isso, a linguagem é analisada a partir de seus respectivos contextos e de seu viés pragmático. Nesse sentido, novos elementos surgem a cada ato de fala proferido devido a dinâmica da linguagem ordinária. Por isso, eles necessitam ser analisados. Como, por exemplo, a noção de infelicidade performativa.

Entende-se por infelicidade performativa as falhas que todo ato de fala pode carregar. A principal dessas falhas é a falta de comprometimento em cumprir com aquilo que foi prometido. As ações atreladas aos atos de fala, são um dos principais elementos a serem analisados, pois elas denunciarão boa parte das infelicidades performativas que os atos de fala carregam. Toda ruptura que existe entre o dizer e o fazer, as falhas e os insucessos que venham a aparecer dentro do sistema dos atos de fala performativos, pode ser classificada como infelicidade. Sendo assim, é imprescindível que as noções de sentido, força da enunciação e o modo como esses elementos se relacionam e apresentam possibilidades diversas de compreensão, sejam analisados de forma mais aprofundada. A teoria da linguagem deve identificar o sentido e/ou o conteúdo informativo da enunciação, bem como a força contida nela. O modo ou o objetivo com o qual o enunciado é proferido é dado pela força do

enunciado. Com isso, é possível dizer se determinada enunciação é verídica ou não. No caso dos atos de fala, se são felizes ou infelizes. Se são eficazes comunicativamente falando, no sistema linguístico, são atos de fala felizes. Caso sejam ineficazes comunicativamente, são atos de fala infelizes e revelam equívocos dos mais diversos.

Tendo em vista os atos de fala felizes e infelizes, é necessário analisar as ações advindas da fala dos indivíduos e o resultado dos discursos proferidos. Isso é necessário para que se possa avaliar cada enunciado e cada enunciação em específico. Nesse sentido, a noção de performatividade é fundamental. Em paralelo com a performatividade, tem-se a intencionalidade dos falantes. Uma vez que a intencionalidade está atrelada ao dito de alguma forma, então ela se revela no mundo. Sendo assim, a carga intencional dos falantes está nos atos de fala e nas performances que deles advém. Como tal, ela colore e concede tons variados aos mais diversos discursos. Assim, os enunciados possuem coloridos e vestes com as quais se camuflam. Essas vestes e esses coloridos somam-se à forma gramatical e a diversos outros elementos que velam o conteúdo intencional-rígido do núcleo dos enunciados. Esses elementos que poluem a linguagem precisam ser transpassados para que se chegue ao núcleo intencional-rígido do dito. Assim, Austin investiga a intencionalidade dos atos de fala. Ela será o crivo para se julgar a (in)felicidade presente nos discursos. O conceito de infelicidade aponta diretamente para um equívoco, erro ou falha presente no sistema dos atos de fala. O equívoco decorre dos fracassos da ineficácia comunicativa das enunciações. A infelicidade revela que determinada enunciação carrega consigo patologias comunicacionais. Assim, ações e palavras se confundem na dinâmica do real, pois uma depende da outra. Por isso, as duas dimensões precisam ser analisadas. A veracidade do dito é averiguada pelas ações e pela intenção do falante que, de alguma forma, carimba a ação no mundo. Tudo isso está atrelado à condição de (in)felicidade do ato de fala performativo. Austin exemplifica isso na seguinte passagem:

Estes exemplos deixam claro que proferir uma dessas sentenças (nas circunstâncias apropriadas, evidentemente) não é descrever o ato que estaria praticando ao dizer o que disse, nem declarar que o estou praticando: é fazê-lo. Nenhum dos proferimentos citados é verdadeiro ou falso; considero isto tão óbvio que se quer pretendo justificar. De fato, não é necessário justificar, assim como não é necessário justificar que “poxa!” não é verdadeiro nem falso. Pode ser que estes proferimentos “sirvam para informar”, mas isso é muito diferente.

Batizar um navio é dizer (nas circunstâncias apropriadas) as palavras “Batizo, etc.”. Quando digo, diante do juiz ou no altar, etc., “Aceito”, não estou relatando um casamento, estou me casando. [...] Que nome daríamos a uma sentença ou a um proferimento deste tipo? Proponho denominá-la sentença performativa ou proferimento performativo, ou, de forma abreviada, “um performativo” (Austin, 1990, pp. 23-24).

Na passagem acima, Austin explica o caráter pragmático da linguagem ordinária na sua concretude de fala. Fica nítida a segunda fase do pensamento do autor. Esta que se debruça em torno da linguagem ordinária e das características principais dos atos de fala performativos. Sabe-se que em um primeiro momento, Austin dedicou-se aos estudos analíticos em torno da linguagem. Porém, posteriormente, se debruçou nos estudos dos atos de fala que emanam da linguagem ordinária. Por mais que Austin diga que tais sentenças não possuem conteúdos verdadeiros ou falsos, aquilo que é verdadeiro, dentro do sistema dos atos de fala performativos, deve ser totalmente livre das infelicidades. Ou seja, a ação deve estar conectada com a intenção do falante e com as exigências funcionais do dito. É nesse sentido que “dizer é fazer”.

Sendo assim, enunciados infelizes podem não realizar ações, como podem realizar ações de forma nula e vazias – carregadas de equívocos. Austin usa exemplos que retratam situações de fala específicas. Aqui, o que é verdadeiro, dentro do sistema dos atos de fala performativos, é aquilo que se encaixa entre o dizer e o fazer. Que possui felicidade performática. Nesse sentido, os equívocos que advêm da infelicidade performática, englobam toda e qualquer falha que ocorra entre o dizer e o fazer. Assim, as ações revelam as intenções. Tendo em vista a citação sobre o exemplo do batismo do navio, se todos os atos de fala cumprem exigências específicas e são proferidos em situações apropriadas e por pessoas apropriadas, tem-se eficácia comunicativa em todas as esferas do dito. Porém, suponha que ocorreu uma ruptura no caso do casamento cristão. Se é assim, ocorre um equívoco advindo da infelicidade performática. O equívoco é a causa da ineficácia comunicativa. Logo, o ato performativo fracassa. Os primeiros exemplos de Austin (1990, p. 29) giram em torno do “casamento e do batismo cristão”. Eles retratam situações de fala em um contexto de fala específico, em uma cadeia enunciativa específica e com um ritual pragmático pré-estabelecido.

Se no contexto de fala do casamento e do batismo cristão, tudo ocorre conforme o sistema linguístico pré-estabelecido, ou seja, conforme convenções,

acordos, rituais, etc., então se tem felicidade performática. Aqui, ocorre eficácia comunicativa que torna o ambiente de fala completamente isento e livre de qualquer infelicidade performativa. Caso contrário, caso haja alguma falha ou erro no sistema, tem-se a infelicidade performativa. Nesse caso, portanto, ocorre ineficácia comunicativa. Esta polui o ambiente comunicativo e revela alguma patologia na comunicação. A ineficácia comunicativa revela equívocos oriundos da infelicidade performática. Por isso, a verdade é considerada do ponto de vista pragmático, pois está atrelada à ação do ato de fala performático que desemboca no mundo. Se pensamentos e intenções desembocam em ações, as ações podem ser aferidas na análise do conteúdo intencional proferido no dito. Assim, as ações são carimbadas pela intenção dos falantes que devem ser coerentes com o que foi prometido outrora. Portanto, sem rupturas. Caso contrário, tem-se infelicidade performática.

O que a teoria dos atos de fala performativos traz de novidade é que o ambiente privado dos falantes, de alguma forma, é mapeado por meio de seu discurso e de seu caráter performativo. O discurso vem para o mundo público carimbado com algumas características do espírito de seu enunciador. Segundo Austin, “as condições espirituais dos falantes são externalizadas no momento em que o ato de fala desemboca no mundo atrelado com a ação que dele decorre” (Austin, 1950, p. 23). São essas marcas que carimbam os atos de fala performativos no mundo e que podem ou não revelar os equívocos advindos da infelicidade performática. Por isso, é possível, a partir de dados que advêm da funcionalidade do dito, analisar o proferimento de um agente com elementos intencionais. Nesse sentido, existem infelicidades funcionais e infelicidades passionais. Assim, as atitudes compõem o cenário e a moldura da realidade em termos pragmáticos. Além disso, as infelicidades se relacionam de forma direta e concatenada com o dizer e com o fazer. Por isso, elas são a métrica e o radar para avaliar aquilo que é dito. Os equívocos advindos das infelicidades performáticas permitem afirmar se o conteúdo proferido tem ou não conexão com a realidade; se tem ou não eficácia comunicativa ou se o ambiente de fala é ou não livre das infelicidades performáticas.

Dado que, no sistema dos atos de fala performativos, o conteúdo verídico presente nos enunciados performativos, diz respeito à relação entre palavras e ações, e dado que os equívocos advindos das infelicidades performativas monitoram, por meio da ação, a validade do ato de fala, então se justifica o uso das noções de felicidade e infelicidade performática. Nesse sentido, Brandom afirma que

The expression the intention with wich James went to church has the out ward form of a description, but in fact it is syncategorematic and can not be taken to refer to an entity, state, disposition, or event. Its function in this context is to generate new description of the action described in James went to church. The account offered here, by contrast, explains deontic statuses corresponding to beliefs and intentions and defines those corresponding to diseres in terms of them. Acknowledging intendings as full-fledged intentional states (or attitudes toward deontic statuses) avoids at the outset a difficulty that forced Davidson to modify his earlier account. For there are cases where someone has an intention (not just a reason for action), but no action arises from it. (Brandom, 1998, p. 256).

De acordo com a passagem acima, pode-se afirmar que os elementos do mundo privado dos falantes vêm à tona, isto é, a intenção, os desejos, as crenças, etc. Eles carimbam a realidade por meio de suas ações. Dentro desse horizonte, inicia uma espécie de revolução nos estudos da linguagem, pois *a ação dos falantes assume um caráter protagonista nos processos da linguagem*. Logo, observam-se elementos contextuais que embasam o significado dos enunciados. E a ação sempre será o carro chefe desse processo. Nesse sentido, de alguma forma, elementos do mundo privado dos falantes carimbam a realidade na ação. A intenção dos falantes torna-se o principal desses elementos. A ação torna-se o principal veículo que conduz a intenção dos agentes ao palco social. Assim, por meio da análise das ações dos falantes, pode-se mapear a intenção dos mesmos. Aqui, é o ponto em que o conceito de (in)felicidade ajuda a monitorar o (in)sucesso dos atos de fala performativos.

Outro dado interessante que merece destaque diz respeito às circunstâncias apropriadas do dito (fator destacado nas duas citações anteriores). Os atos de fala devem estar inseridos em situações de fala específicas. As situações de fala devem atender às exigências específicas e circunstâncias apropriadas. Esse fenômeno merece uma nomenclatura particular que o distinga de tudo que já tinha sido visto na tradição analítica anterior. Por isso, na segunda fase do pensamento de Austin, fase mais pragmática, ele abandona conceitos como “declarações”, “constatações” ou “descrições”. Na nova terminologia elaborada pelo pensador ele traz a noção performativos e/ou sentenças performativas. Nesse sentido, um proferimento performativo nada mais é do que uma fala que finda por executar uma ação no mundo concomitantemente com o dito. Por exemplo, se alguém diz “*corro para pegar o ônibus*”, necessariamente esta pessoa deve estar correndo em direção ao ônibus. Um enunciado desse tipo traz no seu conteúdo um verbo performativo (corro), que

exprime a ação de quem fala dentro de um contexto específico. Caso a pessoa profira esse enunciado, mas sem correr, tem-se a infelicidade performática. Consequentemente, o dito não se conecta com a realidade do mundo. Logo, carece de validade.

Todas essas noções visam destacar o fato que ações se mesclam com a linguagem e vice-versa. Por isso, ação e linguagem devem ser analisadas e compreendidas como o núcleo do fenômeno performático. De acordo com esses novos pressupostos da linguagem, tem-se uma mudança de paradigma. Para a tradição filosófica de Cambridge, a análise priorizava o núcleo cognoscitivo comum que caracteriza os enunciados, a saber, a forma lógica dos enunciados. Esse conteúdo é rígido e impermeável aos elementos da forma gramatical e da forma estilística das proposições, os quais poluem o sentido dos enunciados. Isso é assim, pois a forma lógica é universal e inerente a cada enunciado.

Nesse sentido, Austin também tenta depurar o enunciado performativo de falseamentos, mas faz isso do ponto de vista pragmático. O objetivo é acessar o núcleo intencional-rígido dos atos de fala e de seus enunciadores. O núcleo intencional-rígido dos atos de fala é a intenção do falante, que pode ser mapeada no mundo físico. Portanto, não é mais a forma lógica da sentença que serve de base. Trata-se de uma tentativa de mapear a intenção do falante por meio da materialidade advinda de suas ações no mundo. Sendo assim, não é um estudo da psique de quem proferiu o ato de fala. A abordagem proposta só é possível de ser levada a cabo porque as ações estão atreladas ao dito. Assim, sentido e significado, pragmaticamente falando, estão atrelados ao conteúdo cognitivo das enunciações. Com isso, o conteúdo cognitivo das enunciações está implícito na intenção dos falantes e carimbado explicitamente no mundo público por meio de suas ações. Agora, o significado dos enunciados está ancorado na intencionalidade dos falantes revelada nas suas ações.

A análise do dito tem um viés metodológico comparativo, pois aquilo que se profere por meio de um ato de fala performativo deve, necessariamente, ser comparado com a ação que resulta desse ato de fala no mundo. A partir de Austin e de sua pragmática, o sentido e o significado dos enunciados estão atrelados aos atos de fala e às ações que advém dessa relação. Portanto, o foco de Austin é a união entre linguagem e ação e vice-versa. Para isso, conforme aponta Penco (2006, p. 98), “Austin critica a visão positivista da linguagem e do conceito de significado da teoria

da referência”. A ideia de que a linguagem possui um conjunto semiótico que a envolve está preservada, pois a língua possui um arcabouço de signos e significantes. No entanto, a ideia da performance atrelada ao dito deve ser colocada em destaque. Sendo assim, a teoria do significado austiniana rompe com a tradição neopositivista que priorizava as condições de verdade e os critérios de verificabilidade do significado quando estabeleciam os critérios de verificabilidade dos enunciados no mundo. A linguagem não diz mais os fatos do mundo. Ela faz parte da constituição do próprio mundo. Além disso, ela performar o dito. Nesse sentido, palavras e ações estão essencialmente e intrinsecamente concatenadas. Por isso, os atos linguísticos precisam ser analisados de forma mais sistemática.

A análise dos atos linguísticos deve priorizar as ações que eles implicam. Ela deve focar na atitude e na ação que advêm da fala. Nesse contexto surge a falácia descritiva. Segundo Austin a falácia descritiva não recebeu a devida atenção por parte dos filósofos da linguagem, pois as análises oferecidas negligenciaram a dimensão das atitudes e das ações atreladas à fala. Nesse sentido, Austin afirma que

O tipo de proferimento que vamos aqui considerar não consiste obviamente em um caso de falta de sentido, embora o seu uso inadequado possa gerar, como veremos, variedades muito especiais de falta de sentido (nos-sense). Trata-se sobretudo de um tipo de nosso segundo grupo – as expressões que se disfarçam. Este tipo, porém, não se disfarça sempre necessariamente como declaração factual, descritiva ou constativa. Mas o que pode parecer estranho é que isto ocorre exatamente quando assume a sua forma mais explícita. Creio que os gramáticos ainda não perceberam tal “disfarce” e os filósofos só muito incidentalmente. Será conveniente, portanto, estudar este tipo de declaração, inicialmente sob esta forma enganosa, para explicitar suas características, contrastando-as com as declarações factuais que elas imitam. (Austin, 1990, p. 23).

O “disfarce” ou embuste e a tese sobre “*expressões que se disfarçam*” são ocorrências omitidas pela linguagem natural. Por isso, necessitam ser expostas por meio de uma pragmática específica. Austin sistematiza essa pragmática estabelecendo as condições necessárias para os performativos. A palavra dita e materializada pela fala só tem peso e conteúdo verídico se estiver conectada à intenção de quem a proferiu, caso tenha eficácia comunicativa. Isso é o caso, sobretudo, quando se trata da categoria das infelicidades passionais ou má invocação. As infelicidades passionais ocorrem quando o ato de fala não se conecta com os elementos passionais de quem o profere. Com base nisso, os atos de fala revelam o

fenômeno estudado, a saber, as infelicidades performativas. A linguagem ordinária atrai muito mais fenômenos do que a linguagem formal, pois sua dimensão ordinária possui muito mais novidades e eventos a serem explorados. Desse modo, a tese central é que a linguagem deve ser analisada no seu uso. É nesse sentido que a linguagem performa mais do que afirma. De acordo com Ottoni,

As afirmações agora não só dizem sobre o mundo como fazem sobre o mundo. Não descrevem a ação, praticam-na. [...] Esta visão produz, como já foi dito, uma virada brutal na questão de referência; ou seja, verdade e falsidade são conceitos que não terão mais um papel relevante nem prioritário nesta nova abordagem da linguagem. A partir deste momento pode-se falar de uma visão performativa que pressupõe necessariamente uma nova concepção, uma nova abordagem da linguagem (Ottoni, 1998, p. 37).

Dado que o elemento a ser analisado é o agir por meio da linguagem, então essa nova abordagem aludida pelo pensador acima requer uma virada metodológica e uma virada referencial. Surgem diversos conceitos novos e diversas exigências novas no escopo da visão performática da linguagem. Na linguagem ordinária, conceitos como descrição, constatação, falsidade e verdade também são afetados. Portanto, precisam ser revistos, pois, um enunciado deve ser analisado a partir das dimensões locucionais, ilocucionais e perlocucionais. Essas três dimensões interdependentes, conforme coloca Marcondes, “constituem o fator novidade da teoria de Austin” (Marcondes, 2012, p. 68). Mas não só isso, elas dão conta do dito nas duas principais dimensões do dito: o dizer e o fazer. Elas são interdependentes porque dão conta de todo o percurso que a fala realiza, ou seja, das intenções às ações.

A intenção dos falantes nunca teve tanta evidência nos estudos da linguagem. A teoria dos atos de fala trata a carga intencional do dito com uma nova perspectiva, pois, de alguma forma, a intenção dos falantes passa a ser acessada por meio dos resultados de suas ações no mundo. As ações estão atreladas ao dito. Assim, a linguagem cotidiana é a matéria prima dessas investigações. A noção de que existem diversos contextos e convenções linguísticas enfatiza os diversos “jogos de linguagem” que compõem a vida das pessoas. Linguagem e vida se entrelaçam. Nesse sentido, é necessária uma nova concepção da linguagem, pois o mundo e a linguagem são estruturas imbricadas uma na outra. A linguagem performa o mundo e não apenas representa-o mundo. Língua é ação e interação. A linguagem penetra o mundo e o mundo penetra a linguagem.

O pensamento de Austin sobre a linguagem tem algumas fases. Inicialmente, ele propôs dois tipos de entendimento, ou seja, “os enunciados constatativos e os enunciados performativos” (Austin, 1990, p. 21). Os enunciados constatativos descrevem a realidade. Portanto, estão submetidos à critérios de verdade e são passíveis de verificação. Os enunciados performativos performam a linguagem e o mundo. Quando um enunciado performativo é dito, ele performa um ato. Por isso, ele está submetido à critérios de felicidade ou infelicidade. Aqui, os dois conceitos são de fundamental importância para a compreensão do fenômeno performático da língua. Se um ato de fala realiza uma ação no mundo condizente com o que lhe antecedeu em um jogo de linguagem específico, ele é feliz. Ele é feliz porque produziu eficácia comunicativa. Caso contrário, é infeliz. Nesse caso, ele é infeliz porque apresentou equívocos, falhas, erros, insucessos e ineficácia comunicativa. Se alguém promete algo a outrem e cumpre com o que prometeu, tem-se um ato performativo feliz. Para tanto, todas as esferas do dito devem estar conectadas, ou seja, a intenção do agente, a fala e a ação que decorre do dito. Se o ato de fala é um performativo feliz, então, é eficaz comunicativamente. Nesse sentido, as ações dos agentes em um contexto enunciativo determinam se o dizer e o fazer estão livres ou não de insucessos caracterizado pela infelicidade performativa. Dito de outra forma, se o ato de fala não realiza a performance esperada condizente com o que ele trouxe na sua enunciação, se não há harmonia entre as dimensões da intenção, da fala e da ação, equívocos graves ou infelicidade performativa. Logo, se trata de um ato de fala ineficaz comunicativamente. A ineficácia pode ser de caráter funcional (infelicidades funcionais ou de má execução) ou passional (infelicidades passionais ou de má invocação). A infelicidade funcional é quando a ação não condiz com o dizer. A infelicidade passional é quando a intenção do falante não condiz com o enunciado.

Isso implica dizer que em algum momento do percurso da intenção à ação, haverá rupturas e falhas que não permitiram a eficácia comunicativa do ato de fala performativo. No caso do ato de fala feliz, ele é eficaz comunicativamente porque atendeu todas as exigências do sistema comunicativo que lhe rodeia. Atendeu todas as exigências daquela convenção linguística, inclusive os aspectos espirituais de quem o proferiu³. No caso do ato de fala infeliz, ele é ineficaz comunicativamente porque tem uma no sistema. Um equívoco advindo da infelicidade performativa (seja

³ Aspectos espirituais são elementos do mundo privado dos falantes, conforme Austin pontua (1950, p. 23).

ela funcional ou passional) causa ineficácia comunicativa. Trata-se de algo que compromete o ato de fala em todo seu percurso. Quando o ato de fala é carregado de má fé e má intenção, ele vem fraturado e esvaziado de conexão entre o dizer e o fazer. O elemento intencional adentra em uma zona cinzenta. Por isso, eles são denominados de atos de fala infelizes tanto no sentido da invocação, como no sentido de sua execução funcional. Os atos de fala performativos carregam diversos equívocos linguísticos-filosóficos que afetam sua praticidade e eficiência.

Para exemplificar as dimensões constatativa e performativa da linguagem, pense no seguinte caso. Se digo “*Está chovendo*”, então meu interlocutor pode abrir a janela e verificar a verdade do proferimento. Isso torna o meu proferimento um enunciado constatativo. Alguém constatou um fato no mundo a partir de um dito. Um enunciado performativo, por sua vez, realiza uma ação no mundo ao ser proferido. Se um juiz diz “*Está aberta a sessão*”, então ele realiza a ação de abrir a sessão na medida que profere este enunciado. No entanto, Austin, percebeu que manter a dicotomia constatativo/performativo é inadequado (Austin, 1990, p. 25). Um proferimento como “*Está chovendo*”, também realiza uma ação no mundo, pois alerta alguém para um fato. Ele justifica o cancelamento de um compromisso, faz com que alguém se levante e feche a janela, etc. Aqui, portanto, os proferimentos também realizam ações no mundo. Logo, todo uso da linguagem é, de alguma forma, performativo. Falar é sempre agir sobre o mundo. A dimensão performativa sobrepõe-se à dimensão constatativa. Nesse sentido, Austin assume uma concepção puramente pragmática da linguagem. Isso caracteriza a segunda fase de seu pensamento.

Para Austin “a linguagem é eminentemente performativa” (Austin, 1950, p. 34). Desse modo, os atos de fala performativos podem ser classificados como vereditivos, isto é, atos de fala que apontam para vereditos. Esse é o caso, por exemplo, do enunciado “*faça a lição!*”. Esse tipo de enunciado carrega com ele uma carga de ordem, de veredito. Os atos de fala também podem ser compromissivos ou declarativos performáticos. Ambos apontam para compromissos. Se alguém diz “*irei ao local combinado*” ou “*te aceito como minha legítima esposa*”, então isso expressa um compromisso por meio de uma declaração performática que pode ser checada no mundo por meio de sua ação. O teor compromissivo não diz respeito apenas à esfera do verbal, mas também à esfera do compromisso ético moral assumido no momento que se profere o enunciado. Nesses enunciados existe uma espécie de

responsividade – no sentido de responsabilidade ética e moral que devem levar a cabo o prometido. Com base nisso que podem ocorrer infelicidades performáticas. Se não se cumpre a reponsabilidade presumida e assumida no ato do proferimento, ele é infeliz. Assim, a infelicidade performática pode ser revelada por meio das dimensões da locução, ilocução e perlocução. Em casos assim, as ações e as atitudes decorrentes do dizer trazem consigo elementos intencionais que podem ajudar a verificar a ocorrência ou não das infelicidades performativas. Nesse sentido, as ações e as atitudes realizadas pelos atos de fala performativos carregam consigo o elemento intencional de seu enunciador. Por isso, tais ações e atitudes necessitam de uma análise mais detalhada nos estudos da linguagem. A carga intencional que o falante coloca no seu enunciado, sempre acompanha os atos de fala. Da carga intencional decorre ou não os malogros e os equívocos da (in)felicidade performativa.

Desse modo, todo e qualquer enunciado realiza uma ação no mundo. Consequentemente, a dimensão performativa da linguagem sobrepõe-se à dimensão constativa. Assim, a pragmática austiniana analisa os atos de fala e suas ações performáticas no mundo, bem como os equívocos que podem ocorrer no sistema linguístico enquanto frutos da infelicidade performativa.

2.1. OS ATOS DE FALA E SEUS ACIDENTES: A INTENCIONALIDADE COMO ELEMENTO CHAVE PARA A COMPREENSÃO DA INFELICIDADE PERFORMATIVA.

De acordo com a revolução copernicana proposta por Kant, “toda experiência sem a forma do conceito é cega e todo conceito sem o conteúdo da experiência é vazio” (Kant, 1987, p. 75). Assim, parafraseando Kant, os discursos devem ter o mínimo de conexão com a realidade de onde brotam. Conceito e experiência devem andar lado a lado, nutrindo um ao outro. Isso serve como pressuposto para todo discurso. Um discurso desconectado do mundo real produz resultados ineficazes e deve ser identificado onde se encontra a sua falha. Uma das formas de identificação desses discursos nulos é a infelicidade performática. Uma descrição da realidade que não condiz com os fatos. Nesse sentido, a teoria dos atos de fala performativos visa juntar o dizer e o agir para descrever melhor o mundo real com discursos mais refinados que levam em conta o dizer e o fazer. Assim, tem-se a ideia de intencionalidade dos atos de fala performativos.

Como foi exposto na seção anterior, as expressões que se disfarçam são elementos que velam o conteúdo do núcleo rígido dos enunciados. Por núcleo rígido entende-se aquele ponto de partida de todo enunciado performativo, a saber, a intenção do falante. Austin foca e tenta mapear a intencionalidade dos falantes no conteúdo do núcleo rígido dos enunciados. Com isso, revela as infelicidades performativas. A ideia central aqui é que o caráter performativo da linguagem possui camadas que precisam ser acessadas. Essas camadas são a *locução*, a *ilocução* e a *perlocução*. A pragmática austiniana visa limpar o terreno da enunciação das impurezas que dificultam o acesso ao principal conteúdo do dito, a saber, seu verdadeiro significado no contexto de fala. Pra tanto, leva em conta a intenção do falante e as condições de produção do discurso. Nesse sentido, a linguagem é composta de diversos elementos que podem poluir a compreensão dos enunciados. A tradição analítica de Cambridge denominou esses elementos de “vestes” e “coloridos, conforme aponta Penco 2006, p. 98. Austin denomina esse conteúdo de “*expressões que se disfarçam*” (Austin, 1990, p. 23). O disfarce é promovido, sobretudo, pela intencionalidade que perpassa todos os atos de fala e todas as esferas do processo que ocorre no dizer e no fazer. Se os atos de fala possuem algo em comum, então esse algo é a intencionalidade dos falantes. Quem profere um ato de fala performático também deposita nele uma carga intencional. Assim, a “*felicidade*” do ato de fala performático depende da intenção do falante, caso ela esteja conectada com o que foi dito e com os resultados funcionais do dizer no mundo. Com isso, a intenção do falante só pode ser reconhecida por meio da ***ação materializada no mundo***. A ação é o veículo condutor da intenção para o mundo físico, mas também é um dos principais elementos que podem trazer falhas no sistema dos atos de fala performáticos. Quando isso ocorre, configuram-se equívocos que são nutridos por meio da infelicidade performática. Por isso, é necessário a permanência da regra dizer é fazer. Quando se diz, mas não se faz, tem-se falhas graves. Sendo assim, todo ato de fala performativo possui uma intenção seja boa ou má. A pragmática filosófica austiniana tenta mapear no mundo real por meio das atitudes dos falantes a intenção dos atos de fala performativos. Assim, todo ato de fala performativo pode trazer no seu bojo equívocos que são produzidos pelos efeitos da infelicidade performativa. Estes erros, falhas, desacertos, indisciplinas, embustes, etc., denominam-se “*acidentes*”.

A terminologia “*acidente*” permeia o universo teórico de Aristóteles e serve de base para o que se pretende aqui. Para Aristóteles, acidente (*Symbebekos*) significa algo que vai com o “Ser” (no sentido apenas de acompanhar), porém sem se mesclar com a “**substância**” do “Ser” (Aristóteles, 2002, p.1017^a). Ele acompanha a essência sem se comunicar e/ou interferir nela. O acidente não se comunica nem compartilha dos atributos essenciais dos “entes”. Nesse sentido, os atos de fala possuem diversos acidentes. Eles não fazem parte da essência dos atos de fala, mas os acompanham. Por isso, é necessário eliminá-los a fim de se acessar o núcleo rígido-intencional dos enunciados. Assim, as “*expressões que se disfarçam*” são os acidentes mais sofisticados que acompanham o dito. Como são inúmeros os atos de fala performáticos, também podem ser inúmeros os acidentes que os acompanham. Além daqueles acidentes mais sofisticados destacados anteriormente, o excesso de eloquência e os malabarismos estilísticos também podem ser vistos como acidentes que acompanham os atos de fala performativos. Eles podem (re)velar a carga intencional dos falantes dentro do sistema dos atos de fala. Devido a isso, Austin mapeia todo o ambiente contextual que produziu o ato de fala performativo. Com isso ele identifica parâmetros que possam qualificar ou desqualificar o discurso.

Os acidentes são os principais veículos que trazem à existência o falseamento do dito por meio da **infelicidade performativa**. Por isso, o escopo dos atos de fala performáticos é a locução, a ilocução e a perlocução. A locução é responsável pelas demandas gramaticais do que se fala. A ilocução e a perlocução, são responsáveis, respectivamente, pela intenção por trás do dito e pelos resultados das ações que o dito produz no mundo. A infelicidade performativa permite acessar a primeira camada e auxilia no acesso às outras duas. Desse modo, pode-se revelar expressões consagradas no dito. Expressões que possuem certa carga de fetiche ideológico dentro de determinados contextos de fala.

Essas expressões, quando proferidas, se encontram acima de qualquer suspeita e sempre são usadas para maquiar o dito, pois (re)velam a real intenção do falante. Porém, em algum momento no mundo físico, a ação do falante denunciara sua intenção. Nesse sentido, a infelicidade performativa é uma ferramenta para aferir o ato de fala performático – o ato de fala total. Este que vai da intenção à ação. Desse modo, ela também se relaciona com as esferas locutiva (oral/gramatical), ilocutiva (intencional e passional) e perlocutiva (ação/pragmática). Os embustes na linguagem

e nos processos comunicacionais permeiam essas três dimensões e findam por desaguar ações, atitudes e práticas no mundo.

A tradição sofista, por exemplo, foi marcada pelo uso de palavras e frases específicas com fins meramente persuasivos. Argumentos tendenciosos e repletos de conveniências. Isso era possível perceber nas práticas da vida dos sábios sofistas – a venda do conhecimento. Todo projeto sofista era colocado em prática por meio da fala e isso desembocava, de forma necessária, em ações no mundo. Sobre tudo a partir da máxima “*o homem é a medida de todas as coisas e de todas as coisas é a medida*” (Borheim, 1990, p. 63). A máxima sofista originou o relativismo moral e ao subjetivismo epistêmico, pois colocava na subjetividade dos sujeitos o foco das análises dos conceitos. Sendo assim, o que é verdadeiro e falso, para essa tradição, depende muito mais de cada análise privada do que de um conteúdo objetivo externo. Isso desemboca, necessariamente, em um relativismo moral. O relativismo moral e o subjetivismo epistêmico acompanharam toda a posteridade filosófica e estiveram presentes no âmbito discursivo onde as narrativas disputaram. Desse modo, propagaram-se em ambientes marcados pelo uso da fala. Nesse sentido, tem-se a gênese das *expressões que se disfarçam*. Discursos permeados de argumentação e de palavras pensadas e elaboradas para atender determinados projetos e objetivos específicos. Ou ainda, discursos permeados de *floreios, excesso de eloquência, malabarismos estilísticos, vestes, capas e tendências ideológicas*.

Tais obstáculos precisam ser superados. No caso dos sofistas, por exemplo, havia um interesse comercial e mercadológico em torno da venda do saber. O que foi combatido pela tradição socrática. Na prática, as ações dos sofistas demonstravam suas reais intenções, ou seja, obter algum tipo de lucro por meio da fala, pensamentos, ações e atitudes. Estas são as principais características do ser humano e será tema principal do segundo capítulo deste trabalho sobre a praxiologia dos atos de fala. Por praxiologia entende-se o estudo da ação humana, a qual está imbricada na linguagem. Nesse sentido, a ideia de que as atitudes e as ações no mundo falam mais do que as próprias palavras, passa a ser absorvida pela teoria austiniana dos atos de fala performativos, em especial, por causa da noção de infelicidade performativa. Essa realidade respalda a importância de uma teoria da ação que enquadra a ação no mundo a partir do que é dito. Por isso, o dizer serve de crivo para se averiguar o fazer e vice-versa. Nesse sentido, a infelicidade performática pode ser aplicada nos círculos discursivos, pois cristaliza a importância da ideia de que é preciso existir conexão

entre aquilo que se fala com aquilo que se pratica: **Quando dizer é fazer**. Sendo assim, a ação que resulta da fala no mundo não pode ser distinta daquilo que foi (com)prometido antes da ação. A métrica é que o comportamento deve respaldar aquilo que foi dito. Nesse sentido, Austin alerta quanto ao fenômeno

Não existe uma maneira simples de livrar-se dessas ilusões. Em parte, porque, como veremos, não existe um “argumento” simples”. Temos uma massa de falácias sedutoras (verbais e, na maior parte, não verbais), e é preciso desenredá-las uma a uma e dar a conhecer uma grande variedade de motivos ocultos – uma operação que, em certo sentido, nos deixa no ponto em que começamos (Austin, 2021, p. 5).

De acordo com a passagem acima, Austin também foca na dimensão argumentativa em si. Nesse sentido, a força dos argumentos passa a ter respaldo na ação dos falantes e ganham também uma moldura pragmática. Com isso, a teoria da argumentação transforma-se em teoria da enunciação performativa. Na tradição da filosofia analítica de Cambridge, um argumento válido é aquele que não contém elementos que o tornem inválido. Seria um argumento de fácil compreensão e que sua conclusão segue das premissas do próprio argumento. Por exemplo, *“todo homem é mortal. Sócrates é homem. Logo, Sócrates é Mortal”*. Esse é um exemplo clássico de um argumento válido e sem e sem floreios (falácias) na sua estrutura. Pelo fato desse argumento ser válido, a conclusão assenta-se nas premissas. O mundo real ainda é o parâmetro de comparação para que se avalie a consistência de um argumento. Ou seja, se ele possui uma estrutura válida, forte e verdadeira. Mas se digo: *“todo homem é mortal. Mas nem todo mortal é humano. Logo existem coisas que são eternas”*, então o pensamento materializa-se com falhas e equívocos que serão denunciados por meio da infelicidade performática presente no ato de fala. O argumento em si se apresenta com saltos conclusivos que não advêm das premissas. Aqui não se tem um argumento válido e o pensamento está repleto de elementos sedutores e disfarces que falseiam o dito e caracterizam infelicidades performativas. O raciocínio possui falhas e incoerências que são denunciadas quando o ele é colocado lado a lado com o mundo. Sobretudo no momento que a fala o carimba com uma ação. Tais argumentos apenas demonstram seu teor de interesse meramente persuasivo, porque seus emissores possuem a intenção de convencer por meio de uma narrativa permeada de ideologia e interesses diversos, mas sem critérios estruturais que validem o argumento – argumentos consistentes.

A ação que esse enunciado gera no mundo denuncia que ele é carregado de argumentos inválidos, que comprometem, de alguma forma, sua performatividade, ainda que ele pareça convincente. Ele parece convincente, pois a intencionalidade do falante lhe confere um matiz sedutor. No entanto, é fato que *“nem todo mortal é humano*. Mas daí saltar para a conclusão de que coisas eternas existem, finda por ser um malabarismo persuasivo. Ao olhar para o mundo, percebe-se que coisas mortais existem, mas coisas eternas não existem. não são especificadas no enunciado. A não ser que se redefina o conceito de eternidade. Porém, eternidade como algo que não se afeta pelas leis orgânicas e biológicas e mantém sua existência física de forma perene, é impossível. Logo, o pensamento é falacioso. É nesse sentido que, no sistema dos atos de fala performativo, as falácias podem estar na estrutura do argumento. Sobretudo se se trata de um argumento ou raciocínio prático. Mas, elas vão se configurar também, na maioria das vezes, no momento exato da execução da ação no mundo. Com as atitudes do falante, as falácias que se alojam no âmbito da estrutura do argumento e no âmbito verbal, passam à esfera funcional. Sendo assim, a infelicidade performativa pode ser vista como falácias de esfera passional e funcional.

Por isso, os atos de fala performativos junto com os raciocínios práticos, extrapolam o conceito de falácia inerente apenas à estrutura do argumento. Eles alocam a falácia na esfera da ação e do campo pragmático. Falácias não estão apenas no âmbito locucional, mas também nos âmbitos da ilocução e da perlocução, mesmo que em potência. Em algum momento elas se materializam e se atualizam no mundo. Assim, o conceito de infelicidade performativa emerge diante da necessidade de uma teoria que se debruce no estudo da ação. Isso significa dizer que uma gramática da ação pode mostrar o vínculo (in)existente entre o dizer e o fazer, entre o falar e o agir. Conforme aponta Elizabeth Anscombe, "a intenção se encontra emaranhada em uma relação intrínseca com o jogo linguístico, e que desemboca no mundo físico por meio de ações e atitudes" (Anscombe, 2023, p. 39). Anscombe complementa esta ideia ao dizer,

E, desse modo, se desejamos entender o que é a intenção, devemos investigar algo cuja existência está puramente na esfera da mente. E, mesmo se a intenção leva a ações, e o modo em que isso ocorre também apresenta questões interessantes, ainda assim aquilo que ocorre fisicamente, isto é, aquilo que alguém faz de fato, é a última

coisa que precisamos considerar em nossa investigação. Ao contrário, gostaria de dizer que é a primeira (Anscombe, 2023, p. 30).

Tendo em vista esse entendimento, surge na esfera do mundo público dos agentes a ideia de raciocínio prático. Aquele que se encontra atrelado a atitudes, ações e práticas. Para Anscombe, o projeto de uma gramática das ações averigua as ações dos agentes em detrimento do mapeamento das suas intenções. As ações deságuam no mundo físico com uma carga intencional. Dizer é fazer e as ações dos agentes revelam o querer de cada um. E é em busca desse elemento intencional, que se revela no mundo público, que Anscombe lança mão como elemento principal de sua investigação pragmática e filosófica.

Não muito diferente desse projeto, Austin detém-se era nessas ações. Por isso, usa de elementos técnicos, teóricos e funcionais que dão suporte à essa esfera. Mas não só isso. A carga intencional em potência oculta no mundo privado dos falantes, e que se reflete no mundo público, de alguma forma, também deve ser considerada. Esses elementos evidenciam-se no mundo público ligados às ações. Logo, a teoria dos atos de fala performativos suporta a exigência que já fora colocada em evidência pelo pragmatismo estadunidense. Não se trata de algo completamente novo. Toda teoria segue o fluxo de seu tempo histórico e “as águas do pragmatismo podem recuar até onde quisermos. Sócrates já se banhava nessas águas” (Peirce, 1980, p. 7). A exigência do pragmatismo estadunidense é marcada pela prática de se vincular ideias com a realidade. As ideias precisam aterrissar em solo firme para gerarem frutos. Essa exigência remonta a tempos antigos. Platão e Aristóteles (*TOPOS EIDOS*, *DÍADES*, *HILEMORFISMO*), já pensaram dentro desse viés.⁴ Suas teorias indicam a necessidade de estudar o fenômeno que resulta da junção entre ideias e mundo. Nesse sentido, a linguagem penetra a vida e a compõe esteticamente. Portanto, existe todo um jogo semiótico nesse processo que a doutrina dos atos de fala performativos, sobretudo a teoria de Austin, visa destacar. O pragmatismo de Peirce, bem anterior a Austin, comprova essa afirmação quando ele considera,

Qual a diferença entre fazer uma *asserção* e *estabelecer uma aposta*? Em ambos os atos o agente se submete a consequências prejudiciais se uma certa proposição não for verdadeira. Só que ao apostar espera que o adversário se torne responsável pela verdade da proposição contrária; ao que, ao fazer uma *asserção*, sempre (ou quase sempre)

⁴ Topos Eidos = lugar das formas/ideias; Díades = Dualidade fundante de todo sistema platônico; Hilemorfismo = Junção de Matéria e Forma que ocorre unicamente no mundo sensível aristotélico.

deseja que a pessoa a quem se dirige aceite o que ele diz. Assim no vernáculo "Apostarei" isto ou aquilo, é uma frase que expressa uma opinião privada que não esperamos que os outros compartilhem, enquanto que "você aposta" é uma forma de asserção que busca fazer com que o outro acompanhe o exemplo. (Peirce, 1980, p. 12).

De acordo com a passagem acima, pode-se observar que Peirce já destacava e pontuava a importância de se aproximar ideias de ações por meio de sua concepção pragmática da linguagem. O caráter pragmático da língua ganha corpo e evidência e coloca o estudo da linguagem ordinária no centro das atenções, pois é por meio da linguagem ordinária que surgem todas essas novas concepções. O pragmatismo de Peirce forneceu um avanço para esse tipo de abordagem, uma vez que os signos linguísticos devem ser bem delineados e delimitados dentro de cada universo linguístico específico. Os enunciados estão permeados de conjuntos semióticos. Por isso, surge a necessidade de uma hermenêutica voltada à interpretação dos signos que emolduram os atos de fala performativos. Esses signos, de alguma forma, permeiam as ações. As ações dos falantes se encontram permeadas de signos que desaguam no linguístico e no ambiente pragmático. Com isso, ganham notoriedade pragmática. A primeira vez que Austin abordou com a ideia de que cada ato de fala traz em seu bojo determinados elementos que variam de acordo com a intencionalidade de cada falante em um contexto, isso dentro de cada contexto de fala específico foi na conferência William James em mil novecentos e cinquenta e cinco.

Nessa conferência, Austin utilizou o material que serviria de base para a publicação póstuma de "Quando dizer é fazer: palavras e ações".⁵ O material da conferência forneceu conteúdo robusto para que as ideias de Austin fossem propagadas. Com base nele se pode entender que o ato de fala performativo proferido em determinados contextos acarreta ações no mundo. Assim, revela todo conteúdo estético semiótico que advém da demanda pragmática dos signos linguísticos. Desse modo, Austin (derruba de vez a barreira entre constatativos e performativos, pois a dimensão constatativa é absorvida pela performativa.

Agora, a linguagem sempre resultará em ações no mundo performando o dito e o próprio mundo: intenção e ação devem estar em harmonia. A desarmonia entre esses dois elementos acarreta acidentes nos atos de fala performativos. E todo esse arcabouço sociolinguístico e filosófico pode ou não (re)velar as infelicidades

⁵ How to do things with words, no original.

performativas, ou seja, *rupturas entre o dizer e o fazer*. Com isso, o conteúdo intencional atrelado ao dito é aferido ao se averiguar as ações de seus enunciadores. Falar, portanto, sempre é agir sobre o mundo. Ao se falar, o resultado do que se diz é revelado no momento da ação. Desse modo, a fala se converte em uma ação no mundo e se torna a matéria prima do estudo das (in)felicidades performativas que se encontram presentes nos atos de fala performativos. A fala (re)vela os acidentes que advém desse entrelace.

Por isso, aquilo que se fala deve condizer intrinsecamente com a ação que decorre do dito. A ação revela se o ato de fala performativo incorreu ou não em falhas – infelicidades performativas e/ou acidentes. Assim, o ato de fala é a unidade mínima de significado que se extrapola em ações que lhe conferem ou não sentido e significado. Como tal, ele necessita de análise específica para ser desvendado. Com isso, o objeto de análise da teoria dos atos de fala performativos é o ato de fala total. Ela analisa o conjunto do todo, ou seja, o ato de fala performativo na esfera locucional, ilocucional e perlocucional: **do dito à ação**. No percurso entre o dizer e o fazer que podem ocorrer diversos acidentes. O ato de fala total em uso e em um contexto determinado pode acarretar ou não acidentes que tornarão o dito em uma espécie de discurso desconectado da realidade e esvaziado de praticidade e boa intenção. Isso se dá quando o dizer revela uma ação desconectada do discurso que lhe antecedeu. Logo, tem-se uma teoria da enunciação e da expressividade. Nesse sentido,

J. L. Austin took it to be a defining feature of the sorts of utterances that he came to call “explicit performative utterances” that they are neither true nor false, despite being utterances of declarative sentences, which are traditionally regarded as paradigms of truth-evaluability; and he did not feel compelled to give arguments for his non-truth-evaluability thesis, pointing out that he considers it too obviously true to require defense. Wedded as they have been to a truth-conditional conception of linguistic content, subsequent philosophers of language have refused to accept Austin’s non-truth-evaluability thesis – not surprisingly, since maintaining both it and the truth-conditional conception of content would force them to conclude that explicit performative utterances have no content at all. And since those philosophers, along with everyone else, do acknowledge both the contentfulness of explicit performatives and the significance of the phenomenon of performativity to which Austin was the first to pay systematic attention, they have sought to explain what is special about explicit performatives by devising accounts of them that not only do not incorporate Austin’s non-truth-evaluability thesis, but positively require precisely what Austin was ruling out – accounts, that is, according to which what is distinctive about explicit performatives

cannot be understood unless they are taken to be bearers of a truth value (Tsohatzidis, 2017, p. 96).

De acordo com a passagem acima, o conteúdo interno e a expressão externa formam uma espécie de dialética semiótica entre o sujeito e a linguagem. A confluência de signos externos e internos ao sujeito falante. O sujeito se encontra na zona limítrofe entre o público e o privado. Aqui, o importante é mostrar que o falante está em uma zona de tensão semiótica. Dito de outra forma, os signos linguísticos que pairam na dimensão social, somados ao desenvolvimento psíquico do falante, que estão permeados por signos internos, confluem para um recorte da realidade. É nesse contexto específico que o falante se desenvolve e se arranja linguística, semântica e filosoficamente. Aqui está a dimensão na qual acontece a dinâmica dos atos de fala performativos e suas respectivas emissões – linguagem ordinária. Os atos de fala são compostos por sistemas pautados em diversas convenções que implicam em contextos específicos, dos mais diversos. Nesse sentido, cada ato de fala é carregado de diversos elementos novos que surgem a cada ato de fala proferido e a cada ação realizada no mundo. Porém, ao mesmo tempo em que cada sujeito falante possui idiosincrasias e especificidades em seus respectivos mundos privados, eles também possuem um ponto em comum dentro desse universo subjetivo, a saber, **a carga intencional que colocam nos seus proferimentos**. No sentido em que todos depositam uma carga intencional na fala e na ação. A carga intencional é nutrida por elementos específicos de aspecto psíquico-social inerentes aos falantes. Por isso, a materialidade da carga intencional é averiguada quando se olha para as atitudes e para as ações de cada falante no mundo. O imaterial materializa-se em algum momento no mundo físico. A partir do momento que ela (a intenção) carimba a realidade do mundo físico e fica impressa na ação que decorreu do dito e das atitudes do falante, ela se materializa e passa à esfera do mundo físico.

A materialização da intenção do falante no mundo pode ser averiguada em um estudo pragmático da ação. É na cadeia enunciativa semiótica-linguística e repleta de atos de fala performativos que os discursos, bem como as atitudes dos falantes cruzam-se. Nesse sentido, os signos sociais (pré)estabelecidos de acordo com as mais diversas convenções linguísticas são utilizados e interpretados em várias áreas de atuação da vida humana. Como já foi dito, a língua penetra na vida e a vida penetra na língua. Aqui, é interessante a afirmação de Bakhtin, segundo a qual “A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas

um inquilino do edifício social dos signos ideológicos” (Bakhtin, 1999, p. 36). O palco social é permeado de signos. Todo conteúdo semiótico inunda a consciência dos falantes. Essa, por sua vez, repele esse conteúdo para o mundo. Com isso, mente e mundo mesclam-se pelo dizer e pelo fazer. Palavras e ações estão concatenadas com o mundo e no mundo. A realidade expressa o teor dessa relação. Assim, se pensamentos e intenções desembocam em palavras, ações e atitudes no mundo, então as palavras, as ações e atitudes podem (re)velar os pensamentos e as intenções que carimbam o mundo físico por meio das palavras, ações e atitudes. Pensamentos e intenções desembocam em palavras, ações e atitudes no mundo. Logo, esse material serve de apoio para a análise dos pensamentos e das intenções dos falantes. Essa dinâmica é capturada no comentário de Varaschin abaixo

Na verdade, podemos compreender o contextualismo endossado por Searle a partir de 1977 como um retorno às ideias de seus progenitores de Oxford e aos demais filósofos da “linguagem ordinária”, afinal de contas, o contextualismo pode ser definido (cf. Recanati (2004a, p. 154)) como a sugestão de que o sentido só emerge a partir dos atos particulares de enunciação. O próprio Searle reconhece, para essa sua tese, entre outros precursores heterodoxos como Heidegger (2002b, p. 213; FAIGENBAUM, 2003, p. 81), Bourdieu (1992, p. 177; 1995, p. 132), Foucault (1992, p. 193) e Nietzsche (1992, p. 177; 1994, p. 666; 1995, p. 132), a inspiração wittgensteiniana – em particular, do Wittgenstein de *Da Certeza* (Edições 70, 2012) (Varaschin, 2014, p. 21).

A expressividade enunciativa endossa a posição de que Searle e Austin dialogam no eixo enunciativo e fortalece a importância do estudo do conceito de infelicidade performativa, pois toda expressão encontra-se permeada de ação. Logo, a teoria dos atos de fala também vislumbra esse aspecto valorativo do dito, se o aspecto contratual dos atos de fala é considerado. Tudo isso deve ser estudado na arquitetura dos atos de fala: intenção, fala e ação no mundo – que pode acarretar os acidentes. Justamente aqui surge a noção de que os equívocos advêm da infelicidade dos atos de fala performativos.⁶ Nesse sentido, existe uma gama de

⁶ Rupturas que ocorrem entre o dizer e o fazer. É marcado por discursos que são emitidos sem a conexão que deve existir entre a esfera linguística e a esfera prática do dito. Onde se denuncia o elemento intencional por meio da ação no mundo. Quando alguém profere um discurso esvaziado de compromisso ético moral, por exemplo. Algo sem responsabilidade e nulo, filosoficamente falando. Mas com certas metas e objetivos para tal ação. Pronuncia-se o dito, mas sem nenhum compromisso moral e ético de cumprir com aquilo que fora acordado. Austin (1960), como já se viu anteriormente, alega ser este o pior tipo de embuste, indisciplina, imoralidade e desonestidade presente no discurso. O pior tipo desses erros e falhas são as infelicidades passionais ou de má invocação. Estas que se alojam no mundo privado dos falantes, mas que, de alguma forma, se materializa no dizer e no fazer.

enunciados e/ou atos de fala que estão permeados de aspectos técnicos. Um dos principais aspectos técnicos que compõem os enunciados performativos é o teor do juízo de valor que o acarreta. Outro aspecto técnico que compõem os enunciados performativos é a expressividade.

Juízo de valor e expressividade permeiam os atos de fala performativos. O exemplo anterior, presente no argumento "*todo humano é mortal, algum mortal não é humano, logo existem coisas que são eternas*", expressa um padrão retórico que visa persuadir sem critérios lógicos e sem conexão com a realidade. Ou seja, não possui a estrutura exigida para que o argumento seja válido. Este segundo elemento caracteriza um ato de fala infeliz, pois o ato de fala performático deve ter conexão com o mundo físico em todo seu percurso: do dito à ação. Por exemplo, se digo "sou cego", mas minhas atitudes demonstram o contrário, pois "andando sem dificuldade de me situar no tempo e espaço, encontro objetos pequenos sem tatear" e "vejo a hora no meu relógio analógico sem auxílio de ninguém", então as minhas atitudes e ações no mundo demonstram que o enunciado "sou cego" é seria uma expressão falsa (ou seja, um performativo infeliz). Isso é assim, pois o discurso e as atitudes não se encaixam no mundo real. Esse percurso aponta ou não os acidentes nos atos de fala. No exemplo do argumento "*todo humano é mortal algum mortal não é humano, logo existem coisas que são eternas*", ocorre um salto para um juízo valorativo fundado em interesses e pressupostos específicos, tal como no exemplo da cegueira. Quando o argumento é comparado com a realidade advinda das ações da pessoa que o profere, caracteriza-se a infelicidade performativa. Tem-se, portanto, um típico caso em que dizer não é fazer. Nesse ponto, tem-se uma espécie de teoria da expressividade destacada pelo que cada locutor deseja com sua fala. O querer de cada um que e a desejabilidade do agente entram na análise. Assim, é possível que o juízo ou raciocínio prático revele a intenção do falante nas suas práticas.

A teoria da expressividade analisa tanto a dimensão enunciativa, quanto as ações e atitudes dos falantes. Ambas as dimensões mesclam-se no momento da fala. Uma meramente linguística e outra meramente pragmática. Assim, a dimensão enunciativa tem um caráter mais linguístico, enquanto as performances que advêm dos atos de fala têm um caráter mais pragmático. A forma como o dito materializa-se no mundo por meio dos itens lexicais interessa mais à linguística. A linguagem ordinária e todo seu escopo linguístico e performático, interessa mais à teoria dos atos de fala. Nesse sentido, a teoria dos atos de fala finda por revelar muito mais do que

aquilo que se encontra apenas no âmbito linguístico e da fala materializada. Toda materialização do dito traz consigo um conteúdo imaterial determinante, ou seja, **o dito e o não dito**⁷. Dito de outra forma, traz aquilo que não aparece materializado na fala, mas que se encontra no jogo linguístico da intenção à ação. Nesse sentido,

Este internalismo com relação aos fatos sociais dá origem à conclusão que, mesmo que um indivíduo tenha uma “intenção”, aquele indivíduo nunca está certo se outros no coletivo compartilham da mesma “intenção”, pois ele não tem como garantir se um dos outros também tem esta “intenção” (Searle, 2002, p. 57).

Como o conceito de infelicidade performativa está diretamente ligado à carga intencional dos falantes, e como a intenção é o combustível do sistema dos atos de fala, Searle contribuiu com o tema em análise, pois ele também tratou dos atos de fala. Na passagem acima, fica nítido que a intencionalidade necessita ser mapeada de alguma forma. O mesmo ocorre com a ação que acompanha o dito. Cada sujeito falante é dono de um universo de carga intencional responsável pelos acidentes que acompanham os atos de fala performativos. Por isso, a pragmática austiniana tenta mapear esse fenômeno da intencionalidade, pois ela acompanha a ação que advém do dito e verifica se a ação que desemboca no mundo encaixa-se em termos de coerência com a fala que lhe antecedeu. Com isso, nutre todo o sistema dos atos de fala performativos. A intenção sempre estará indexada e carimbada no ato de fala e na performance que ocorre no mundo. Se existe um ato de fala performativo sendo proferido, então ele tem o elemento intencional. Toda intenção, em algum momento, será materializada no mundo na medida em que ela vai da fala à ação. A intenção é conduzida para o mundo público pela ação do agente falante. Desse modo, a **intenção** revela-se de forma materializada no mundo por meio das **ações e das atitudes** que desaguam no mundo. Desse modo, a intenção pode ou não acarretar acidentes nesse percurso.

Portanto, a perspectiva austiniana é inovadora, pois passeia pelo campo da linguística, mas o transcende, uma vez que monitora a ação interligada ao dizer. Ao mesmo tempo em que monitora aspectos intencionais dos falantes, mapeia o querer e a desejabilidade destes. Ela faz isso por meio das ações de fala. Revela-se então a originalidade da investigação proposta por Austin (1950; 1955; 1990), pois ele aborda elementos que não foram contemplados nos estudos da linguagem. Com isso, ele

⁷ “*Dire et ne pas dire*” é o título de uma obra de um linguista francês chamado Oswald Ducrot.

mostrou os principais acidentes linguísticos e filosóficos que ocorrem na concretude da fala, ou seja, as patologias comunicacionais que implicam em uma ineficácia comunicativa. As patologias podem ser equívocos, falhas, erros ou insucessos que decorrem das infelicidades performativas dos atos de fala.

2.2. INFELICIDADES PASSIONAIS OU DE MÁ INVOCÇÃO: O CARÁTER ILOCUCIONAL.

A ação contém elementos constitutivos de performatividade. Isso significa que uma ação é uma atitude que independe da forma gramatical, linguística e lógica. Por isso, ela necessita de uma análise específica, isto é, de uma gramática da ação. O caráter pragmático da linguagem transcende as esferas gramatical, linguística e lógica. A dimensão pragmática deve ser apreendida de forma peculiar e específica. Por isso, Austin elabora uma pragmática voltada para o fenômeno da ação que advém do falar. Dito isso, sua análise introduz a tese da nulidade filosófica. A nulidade filosófica ocorre quando o dito e a ação que deste advém, não saturam espaços linguísticos que deveriam ser preenchidos na dinâmica da fala. Somente a dimensão da análise ilocucionária dá conta deste fenômeno. A esfera da ilocução contempla a produção de um ato de fala em que o falante introduz uma intenção de realizar um objetivo comunicativo, como perguntar, pedir, aconselhar, avisar, prometer, etc. Assim, o elemento intencional ganha vulto e notoriedade, pois ao falarem e agirem no mundo, os seres humanos atuam em direção a algo. Desejam um querer por meio da fala.

O caráter ilocucionário é responsável por tudo que está por detrás da locução. Dito de outra forma, é como se a linguagem fosse um grande *iceberg* onde apenas a ponta dessa imensa estrutura é vista. Dentro da água está a maior parte da estrutura de gelo. Analogamente, a linguagem ordinária possui todo um arcabouço que se encontra enraizado na sua dinâmica e na concretude da fala. A carga intencional dos enunciados e dos atos de fala performativos é um dos elementos mais importantes dessa dinâmica, uma vez que ela nutre toda esfera ilocucionária. Assim, locução, ilocução e perlocução mesclam-se e permeiam toda a linguagem. Nesse sentido,

In philosophy, indeed, "proposition" is sometimes used in a special way for "the meaning or sense of a sentence or family of sentences" but whether we think a lot or little of this usage, a proposition in this sense cannot, at any rate, be what we say is true or false. For we never say

"The mean-ing (or sense) of this sentence (or of these words) is true "what we do say is what the judge or jury says, namely that" The words taken in this sense, or if we assign to them such and such a meaning, or so interpreted or understood, are true." Words and sentences are indeed said to be true, the former often, the latter rarely. But only in certain senses. Words as discussed by philologists, or by lexicographers, grammarians, linguists, phoneticians, printers, critics (stylistic or textual) and so on, are not true or false: they are wrongly formed, or ambiguous or defective or untranslatable or unpronounceable or misspelled or archaistic or corrupt or what not. Sentences in similar contexts are elliptic or involved or alliterative or ungrammatical. We may, how-ever, genuinely say "His closing words were very true "or" The third sentence on page 5 of his speech is quite false "but here "words" and "sentence" refer, as is shown by the demonstratives (possessive pronouns, temporal verbs, definite descriptions, etc.), which in this usage consistently accompany them, to the words or sentence as used by a certain person on a certain occasion. (Austin, 1950, p. 112-113).

Sendo assim, de acordo com a passagem acima, um proferimento possui veracidade somente se estiver concatenado com o resultado prático de sua ação no mundo físico. Além disso, ele deve estar dentro de diversos outros fatores atrelados às convenções linguísticas estabelecidas que envolvem outros elementos ilocucionários. O principal desses elementos, nas diversas configurações em que os atos de fala performativos configuram-se, é a carga intencional dos falantes⁸. O que se encontra na esfera da ilocução serve de suporte para aferir questões ligadas ao dito que a dimensão da locução (fala) não contempla, a saber, a carga intencional dos agentes nos seus atos de fala performativos. Por isso, a esfera ilocucional jamais poderá ser desvendada de forma plena, dado que não é possível desvinculá-la de um contexto e analisá-la de forma independente. Cada contexto é um mundo e um universo a ser desvendado que sempre trará elementos novos em cada ato de fala proferido. Este aspecto intensifica-se quando se trata dos elementos passionais e/ou sentimentais do falante. Por isso, é necessário uma teoria que averigue as infelicidades performativas com respaldo nas ações dos falantes, ou seja:

it is gratifying to observe in this very example how excess of profundity or rather solemnity, at once paves the way for immorality. For one who says 'promising is no merely a matter of uttering words! It is an inward and spiritual act!'. Is apt to appear as a solid moralist standing out against a generation of superficial theorists: we see him as he sees

⁸ Outras terminologias escolhidas por Austin para intitular a má invocação, o erro e/ou o desacerto advindos do mundo privado dos falantes são as seguintes: desrespeitos, dissimulações, deslealdades, infrações, indisciplinas, rupturas. Trata-se de algo que remete a um comportamento desleal de quem profere um dito de forma já má intencionada

himself, surveying the invisible depths of ethical space, with all the distinction of a specialist in the sui generis. Yet he provides Hyppolytus with a let-out, the bigamist with an excuse for his 'i do' and the welsher with a defense for his 'i bet'. Accuracy and morality alike are on the side of the plain saying that *our word is our bond*. (Austin, 1962, p. 10).

De acordo com a passagem, fica claro que Austin concede certa relevância aos aspectos passionais do dito. Afinal, estes aspectos são responsáveis por grande parte dos acidentes que os atos de fala acarretam e por grande parte das infelicidades performativas. São elementos que ocorrem atrelados às demandas sentimentais e que permeiam os atos de fala. Os elementos passionais estão em conexão com o dito. Eles são externados na fala e materializados no mundo físico no momento exato da ação. Pode-se afirmar, portanto, que os elementos passionais permeiam os atos de fala na sua performatividade e nunca os abandonam. Tudo se passa como se a ação que advém dos atos de fala performativos possuísse uma carga magnética que atrai, de alguma forma, a intenção dos falantes para o mundo público. A intenção materializa-se nas atitudes, comportamentos e ações dos falantes. Essa é a razão pela qual Austin considera que “a palavra do indivíduo é o seu penhor” (Austin, 1990, p. 27). Isso evidencia um caráter contratual dos atos de fala, pois não deveriam ocorrer rupturas entre o dizer e o fazer. No entanto, os discursos quase sempre apresentam rupturas. Isto é, quando dizer não é fazer. Aqui, é interessante lembrar que Austin era um jurista e estudioso do direito. O ambiente jurídico é permeado de diversos equívocos advindos das infelicidades performativas. Esse ambiente é propício para fenômenos da linguagem e solo fértil para as infelicidades performativas. A ambiência jurídica acarreta pessoas que fazem uso de juramento sem nenhum compromisso ético e moral. Além de mentiras e enganos para favorecimento alheios ou de si próprio.

Por isso, as situações de fala mais específicas usadas por Austin destacam ocorrências de fala no jogo de linguagem jurídico, como é o caso de um júri, um casamento ou batismo. Um exemplo contemporâneo de equívocos decorrentes da infelicidade performativa na esfera jurídica encontra-se nas pesquisas de Neil MacCormick.⁹ Sobre os “*hard cases*” e os “*clear cases*” do cenário jurídico Norteamericano. Eles são situações de fala que servem para MacCormick desenvolver uma teoria da argumentação jurídica. Segundo MacCormick,

⁹ Teórico que se debruça sobre argumentação jurídica e tem vários livros publicados na área: *Argumentação jurídica e teoria do direito*; *la argumentación silogística*; *Retórica e o estado de direito*. São apenas algumas de suas obras.

Uma descrição positivista do sistema tal como ele opera não pode responder a um tipo particular de questão que pode ser formulada internamente em um sistema jurídico: a questão que pode ser formulada diante de um juiz, em um caso difícil, da seguinte maneira: "Por que nós devemos tratar todas as decisões alcançadas em conformidade com uma regra válida segundo nosso critério de validade como suficientemente justificada?, e esta é uma questão que pode, e de tempos em tempos é, levantada. Ademais, o positivismo não consegue também responder à questão formulada pelos juízes ainda mais frequentemente: "Como nós devemos justificar as decisões concernentes à interpretação e à aplicação de nossos critérios de validade?" (MacCormick, 1978, p. 63)¹⁰.

A crítica de MacCormick ao sistema positivado do direito aplica-se a todo e qualquer sistema que seja regido por normas. O mundo do Ser é muito mais dinâmico do que o mundo do Dever Ser. Nesse sentido, a linguagem ordinária possui um caráter dinâmico e vasto que não pode ser regido por regras estáticas e uniformes. Não se pode aplicar uma mesma regra a cada caso e a cada fato linguístico em si, tal como os juízes fazem nas suas decisões levando em conta o aspecto jurisprudencial do direito. O que se encontra em destaque no pensamento acima é que cada falante possui regras internas e critérios de julgamentos subjetivos que todos insistem em torná-los objetivos, ou seja, critérios de validade.

MacCormick destaca magistrados que decidem por conveniência. As sentenças giram em torno de interesses diversos. No entanto, quase sempre desfocadas do núcleo do problema que gerou sua judicialização, pois para o operador do direito moderno sua investigação sobre as instituições jurídicas "permanece sempre orientada a valores" (MacCormick, 2007, p. 301). As passagens citadas demonstram que MacCormick visa um ponto negligenciado pelo positivismo jurídico, a saber, o problema da justificação das decisões jurídicas. Nesse sentido, o que está no centro de suas análises é o elemento subjetivo que se encontra sempre presente na atividade hermenêutica e na aplicação do direito. O dito no campo jurídico percorre a criação, a interpretação e a aplicação das normas. Isso implica em um conteúdo subjetivo motriz em todo o sistema que se confunde com as leis. Existe, assim, a possibilidade de um conflito de normas externas com as normas privadas dos operadores do direito - sobretudo dos juízes. Sendo assim,

uma explicação coerente da natureza do direito, e uma explicação coerente do caráter de qualquer sistema jurídico moderno, deve levar

¹⁰ Minha tradução.

a sério os valores muito gerais que são inerentes à natureza do fenômeno jurídico (MacCormick, 2007, p. 295)¹¹.

O sistema jurídico, à luz da teoria da argumentação jurídica de MacCormick, é um campo profícuo para os atos de fala performativos que (re)velam o conceito de infelicidade performática. Nesse sentido, o direito e outros campos da atuação da linguagem produzem atos de fala dos mais diversos. Alguns destes podem ser nulos e carregados de equívocos. Com isso, comprovam a ideia de que dizer nem sempre é fazer. Desse modo, o epicentro da teoria de MacCormick é o monitoramento dos elementos intencionais materializados no mundo externo, no momento que o dito se concretiza em uma ação no mundo físico. Os elementos intencionais indicam indícios do mundo privado dos falantes, assim como suas verdadeiras intenções por trás da fala. Isso caracteriza as infelicidades performativas, em especial as infelicidades passionais, que se dão na dimensão ilocucional da língua.

O prefixo “*i*” do termo “ilocucional” nega a palavra locução. A ideia é que existe um conteúdo imaterial velado pela locução. Esse conteúdo que está embutido e velado na locução, de alguma forma, deve ser acessado. O conteúdo velado é nutrido, sobretudo, pela intenção do falante. Outro elemento que decorre desse conteúdo velado pela locução, e não menos importante, é a ação. Nesse sentido, a carga intencional e a ação que disso decorre, constituem cada enunciado performativo. Eles fazem isso quase sempre de forma não visível e não materializada no dito. Em algum momento, porém, se a dinâmica e a confluência entre linguagem e mundo revela a carga intencional e a ação. A noção de infelicidade performática encontra-se aqui, em especial **as infelicidades passionais ou de má invocação (má intenção)**¹². Por isso,

¹¹ Minha tradução.

¹² A primeira vez que essa expressão aparece em “*How to do things with words*” é na lição 4 (ou capítulo 4), p. 49 – *MISUNDERSTUND*. Uma espécie de falha. Austin sempre faz alusão à falha no sistema dos atos de fala, ou seja, aquilo que conduz o ato à infelicidade e ao status de proferimento malogrado, com neologismos que incluam o prefixo da palavra *MISTAKES*, erro: *MISSTATEMENT* = Mau proferimento; *MISFARE* = Desacerto; *MISINVOCATIONS* = Má invocação; *MISEXECUTIONS* = Má execução; *MISAPPLICATIONS* = Má aplicação. Com exceção da má execução, todas as outras expressões se remetem ao âmbito passional do falante.

[...] Uma consequência conjunta das posições acima é a oposição ao fundacionalismo, nomeadamente ao tipo de fundacionalismo que sugere como proposições básicas, fundacionais e indubitáveis os *sense statements* (enunciados acerca de “sensações”) as nossas capacidades de juízo, quando em exercício, podem *misfire* (funcionar mal) quanto a qualquer assunto, até mesmo quando aplicadas ao nosso interior, i.e. a pensamentos, sentimentos ou sensações (Mingues, 2016, p. 659).

De acordo com a passagem acima, os equívocos que decorrem das infelicidades passionais ou de má invocação, são erros nos atos de fala performáticos que acarretam seu mau funcionamento. Nesse sentido, a felicidade do ato de fala pode ser atrapalhada pela carga intencional dos falantes. Para Austin (1950, p. 79) esses equívocos podem ser classificados como: “abusos”, “imoralidades”, “embustes”, “desrespeitos”, “dissimulações”, “deslealdades”, “infrações” e “indisciplinas”. Todos causam rupturas entre aquilo que se diz e aquilo que de fato se pretende realizar. Assim, ocorrerá um comprometimento do agir que vem do dito. Logo, **quando dizer não é fazer**. Trata-se de um comportamento desleal do falante, pois ele fala com má intenção. Um mau funcionamento do ato de fala gera a infelicidade performativa. O dito que deságua no mundo físico acompanhado de uma ação ou de uma atitude, pode revelar os mistérios que habitam o mundo privado dos falantes. A ação carrega resquício da carga intencional de seu agente. Assim, o estudo dos atos de fala performáticos mostra a necessidade de uma teoria da ação. Somente assim se poderá averiguar as infelicidades que decorrem dos atos de fala performativos que se alojam e se materializam no discurso e se revelam nas práticas, atitudes e comportamentos que advém destes.

A afirmação de Austin de que a “linguagem independe das amarras formais e gramaticais” deve ser entendida como uma recusa a antiga distinção entre mundo e linguagem (Austin, 1962, p. 98). Com isso, a linguagem possui elementos que não são capturados pela esfera léxico-gramatical da língua. Já sabemos que a ação e a intenção dos falantes são os dois principais destes elementos. Nesse sentido, tais elementos se encontram, de alguma forma, no dito que se transformará em uma ação no mundo. Outro fato é que elementos do mundo privado dos falantes, em algum momento, deságuam no mundo público. Por isso, Austin interessa-se pelo ato de fala performativo em sua dimensão total, pois apenas assim se pode observar os elementos que não são capturados pela materialidade do dito ou pela dimensão

léxico-gramatical da linguagem. A *performatividade dos atos de fala e a intenção dos falantes* são a matéria prima principal de toda a análise.

Nesse sentido, a análise das ações (ou dos equívocos que advêm das infelicidades performativas) pavimenta a estrada que leva até a intenção dos agentes. Esta é a parte submersa do iceberg da linguagem que Austin deseja analisar,

Foi ela quem primeiro me deu a ideia de que uma pessoa não está lá, imóvel e clara, perante os nossos olhos (como eu tinha pensado), com os seus méritos, os seus defeitos, os seus planos, as suas intenções quanto a nós expostas à sua superfície, como um jardim para o qual olhamos através de uma grade, com todos os limites dispostos perante o nosso olhar, mas é uma sombra, que nunca conseguimos penetrar, da qual nunca pode haver conhecimento directo [sic], com respeito à qual formamos incontáveis crenças, baseadas nas suas palavras e por vezes nos seus actos [sic], embora nem as palavras nem os actos nos possam dar senão informação inadequada e contraditória, uma sombra por trás da qual podemos imaginar, de forma alternada, que arde a chama do ódio e do amor (Austin, 1946, p. 122).

De acordo com a passagem acima, o alvo da análise é a ilocutoriedade e ela é marcada pela carga intencional dos falantes que desembocam nas suas ações. O carácter performativo da linguagem evidencia isso por meio das **ações de fala** no mundo. As infelicidades passionais podem comprometer o dito. E fazem com que seu conteúdo proferido não tenha validade (seja um performativo infeliz). Mesmo que apresentem elementos do léxico-gramatical válidos e *circunstâncias apropriadas* de proferimento. Desse modo, os elementos aparentemente apontam para uma situação de fala que aponta para uma certa eficácia comunicativa, devido às exigências para que haja compreensão do dito estarem sendo atendidas. No entanto, tratam-se de infelicidades performativas que comprometem o dito. Ou seja, discursos montados em cima de uma pseudo carga intencional que compromete a realidade da fala. Aqui, o ponto central é que a ação evidenciará no mundo público a (má)intenção daquilo que foi proferido outrora. Caso não exista conexão entre o dizer e o fazer, tem-se equívocos advindos da infelicidade performativa. E estes podem ser de esfera meramente passional ou de má invocação. As más invocações são as que mais causam transtornos no palco social. Por isso, elas são uma arma poderosa na arena ideológica e na disputa de narrativas. Para Austin (1990), esse tipo de infelicidade é o pior tipo de erro, falhas, insucessos, indisciplinas, embustes, etc., que podem acontecer dentro do sistema dos atos de fala performativos. Pois são dissimulações e indisciplinas que dizem respeito ao âmbito ético-moral.

2.3. INFELICIDADES FUNCIONAIS OU DE MÁ EXECUÇÃO: O CARÁTER PERLOCUCIONAL.

As infelicidades funcionais diferem das infelicidades passionais. Enquanto aquelas vêm do mundo privado dos falantes em direção ao mundo público, estas ocorrem apenas no mundo público. Como o próprio nome diz, trata-se de erros funcionais. Aqui, é o aspecto funcional do ato de fala performativo é que será mais observado. A infelicidade funcional ocorre quando a funcionalidade do ato de fala performativo não se encaixa com o dito que antecedeu a ação, com o enunciador que gerou a ação no mundo. Os verbos na primeira pessoa do infinitivo (corro, vou, ajudo, decido, concedo, dou, etc.) podem ajudar na compreensão desse tipo de infelicidade. Eles enfatizam uma característica funcional de quem os profere dentro de algum enunciado performativo. Eles conferem uma espécie de caráter contratual implícito ao dito. Oi seja, ao proferir algum destes verbos, implica necessariamente, realizar alguma ação e agir no mundo. Esta é a característica que marca e delimita o caráter perlocucionário do ato de fala performático, ou seja, a sua pragmaticidade – ação de fala resultante de um enunciado performativo no mundo. Nesse sentido,

Em certos casos, os fatos são, por assim dizer, impugnados por não estarem de acordo com as palavras, em vez do contrário. É por vezes assim, quando mudo de opinião. Mas outro caso disso ocorre quando, por exemplo, escrevo algo diferente do que penso estar escrevendo [...] o erro aqui é de execução, e não de juízo (Anscombe, 2023, p. 23).

Essa passagem joga luz e clareia as duas noções apresentadas aqui: anteriormente a noção de infelicidades passionais ou de má execução, bem como a noção mais atual de infelicidades funcionais ou de má execução. Pois ela enfatiza a existência de uma falha, erro, insucesso, dentro do ato de fala performativo. Algo que não se encaixa entre o dizer e o fazer, seja no âmbito da invocação ou da execução. Imagine alguém que diz “corro!”. No entanto, ao proferir esse verbo, a pessoa se encontra sentada em uma cadeira. Aqui, tem-se um equívoco que advém de uma infelicidade performativa de cunho meramente funcional. Digamos que essa pessoa insista e continue afirmando que corre, mesmo estando parada e sentada. Nesse caso, tem-se uma má execução de um ato de fala performativo.

Por mais que aspectos linguísticos convencionais sejam atendidos; por mais que aspectos gramaticais estejam sendo atendidos, por mais que elementos espirituais da intenção estejam ligados ao ato de fala (mesmo que se tenha a intenção

de correr), o fato é que o falante afirma que corre, estando parado. Por isso, tem-se um insucesso que advém de uma infelicidade performativa que afeta a funcionalidade do dito. Nesse sentido, o elemento responsável pelo escopo de análise da ação no mundo é a perlocutoriedade. É nesse sentido que Austin chama a atenção para a necessidade de se catalogar os atos de fala performativos (Austin, 1950, p. 108). Ironicamente, ele compara sua tarefa com a catalogação realizada pelos lepidopterólogos, estes que catalogam várias espécies de borboletas. Com isso, explica-se a pretensão de Austin segundo a qual a teoria dos atos de fala legitima e esclarece a tese de Wittgenstein de que o sentido das expressões linguísticas é o uso dessas, ou seja,

Mas o que significa 'convencer-se de algo?' Para o percebermos, temos de proceder a jogos de linguagem simples com esta palavra. — Como se convence alguém, no jogo de linguagem, de que ali ficam tantas e tantas lajes? Como nos convencemos de que $6+6=12$? Etc. (Wittgenstein, 1982, §833).

Sendo assim, todo jogo de linguagem possui regras e peculiaridades inerentes. Para jogar um jogo de linguagem é necessário compreender suas regras que são de domínio público. Por isso, é impossível usar regras privadas para jogá-los. Essa é uma das teses que Wittgenstein destaca com sua teoria. Além dela, ele também destaca a tese de que toda linguagem é pública, pois é regida por regras públicas. Se fazendo necessário o conhecimento de tais regras pelos participantes de cada jogo. Por isso, uma linguagem privada e com regras desconhecidas dos demais, não faz sentido. Assim, a virada de pensamento wittgensteiniana vem no bojo da virada linguística. Desse modo, enfatiza a linguagem ordinária e o seu uso na concretude de fala. É nesse vácuo que Austin se encaixa quando entende que a dimensão performativa da língua sobrepõe qualquer outra dimensão.

O caráter perlocucional da linguagem abrange toda a esfera da ação que o dito ocasiona. Ele carrega e revela elementos do mundo privado dos falantes na esfera pública da língua. Desse modo, por meio do nexos existente entre o dizer e o fazer, é possível analisar as intenções dos falantes por meio dos indícios que suas ações (re)velam no mundo. Por isso, tais ações servem de objeto de análise para o estudo das infelicidades performativas funcionais. Daí, a necessidade de uma teoria das ações e de uma gramática da ação que contemple melhor esse fenômeno do agir que é o veículo da intenção no mundo. A verdade é que a linguagem possui diversos

elementos que se disfarçam nos enunciados e trazem consigo patologias comunicacionais. As palavras são usadas em contextos específicos e com certo fetiche para se atingir objetivos específicos de persuasão. Narrativas e discursos são proferidos com objetivos específicos dentro das mais diversas bolhas comunicativas. Na democracia ateniense, por exemplo, essa manobra persuasiva era muito comum. A tradição sofista utilizou de recursos persuasivos com fins diversos. O convencimento era o objetivo maior. As palavras proferidas nas narrativas sofistas não tinham vínculo nenhum com amarras ética e morais. Esse embuste da linguagem, esse artifício, passou de geração a geração.

A teoria dos atos de fala performativos evidenciou todo esse lado sombrio da língua que antes não tinha como ser percebido – o vínculo inerente entre palavras e ações. Ela estabelece que as ações são a métrica para se avaliar o que é dito. Quando o dizer e o fazer não se conectam, o dito não merece credibilidade. Torna-se um discurso esvaziado de realidade e sem conexão com o mundo real. Um discurso desprovido de prática. Ele despista e desvirtua os reais interesses de quem os emite. Nesse sentido, a manipulação por meio do discurso pode ser mapeada com uma teoria da ação. Esta revela os equívocos advindos da infelicidade performativa presentes nos atos de fala, sobretudo as infelicidades de cunho funcional, pois considera a ação e o comportamento pós-dito como seus principais objetos de pesquisa. A teoria da ação reivindica uma gramática da ação para que se compreenda os fenômenos dos atos de fala performativos. Somente assim é possível mapear a máscara ideológica presente nas argumentações e que, necessariamente, desembocam na ação. Portanto, equívocos funcionais ou de má execução advindos da infelicidade funcional também assumem grande relevância no caráter performativo da linguagem, pois desvelam seu caráter perlocucional, ou seja,

[...] certos usos da linguagem têm um caráter ilusório ou manipulador, contrário à visão tradicional sobre as condições de realização dos atos de fala que se pressupõe o controle do falante sobre a linguagem. A própria linguagem não tem uma natureza transparente, uma vez que estas relações não são transparentes. A análise crítica da linguagem deve proceder, portanto, à explicitação das condições de realização dos atos de fala, como forma de expor e desmascarar sua função ideológica (Marcondes, 2012, p. 47).

Nesse sentido, de acordo com a passagem acima, a linguagem possui diversos elementos que servem para manipular de forma ilusória e que fazem aflorar patologias comunicacionais que geram ineficácia comunicativa. Erros que precisam

ser averiguados em um escopo teórico. O contexto do falante implica de forma direta na condição de produção de seu dito. O ato de fala é produzido dentro de situações específicas que o leva, necessariamente, a uma ação no mundo. Estas ações adentram nas análises da linguagem. Nesse exato momento é possível detectar a marca ideológica que também se encontra carimbada nas ações. A teoria austiniana proporciona uma intensa análise de cunho linguístico, pragmático e filosófico do discurso de forma mais aprofundada, pois ela visa os elementos linguísticos gramaticais impressos na materialidade da fala e os elementos do mundo privado do orador. Ela considera os elementos intencionais presentes no dito, mas também nas suas ações. Nesse sentido, a teoria austiniana desvenda um caráter axiológico e praxiológico da linguagem que antes não tinha sido contemplado.

Sendo assim, a base da teoria austiniana dos atos de fala performativos, indica que existe uma vastidão de elementos espirituais ligados a intenção dos falantes. Estes, de alguma forma, podem ser averiguados quando se materializam no mundo por meio das atitudes, comportamentos, práticas, costumes, etc. Neste sentido, se faz necessário uma mudança de método investigativo que se debruce sobre as ações dos falantes e que vislumbre o escopo perlocucionário da língua.¹³

3. A PRAXIOLOGIA DO QUERER: A DINÂMICA DA INFELICIDADE PERFORMATIVA.

Austin realiza uma espécie de mapeamento de toda sua teoria em algum momento de suas reflexões. Tendo em vista seu sistema dos atos de fala performativos, em um primeiro momento, ele destaca as dimensões performativa e constativa da linguagem. Posteriormente, ele abandona a primeira em detrimento da segunda. Isso marca a segunda fase de seu pensamento, que é puramente pragmática. Nesse sentido, dizer é agir sobre o mundo. Todo ato de fala performa o mundo e resulta em uma ação. A partir disso, Austin determina quais são as condições para os performativos (in)felizes: mostra que os atos de fala performativos compõem todo um sistema linguístico, pragmático e filosófico que funciona a partir da (in)eficácia de tais atos, podendo ser estes “Felizes” ou “Infelizes”. Demonstra o teor contratual ou compromissivo desses atos em conjunto com outras características que surgem

¹³ Mingues, 2016, p. 659); Searle, 1992, p. 178; Anscombe, 2023, p. 30).

dessa dinâmica do dito, tal como nos atos de fala “vereditivos”, que exprimem veredictos. Ao demonstrar as características e as condições dos performativos felizes, logo, por exclusão, se têm os performativos infelizes. Aqueles que são responsáveis pela ineficácia comunicativa dentro do sistema e os que ocasionam equívocos que advém da infelicidade performativa.

As infelicidades performativas são tipos de atos de fala que demonstram rupturas graves que se alojam entre o dizer e o fazer. Equívocos que trazem problemas graves e revelam a verdadeira intenção de seus falantes quanto ao resultado das suas ações de fala que desaguam no mundo. Nesse sentido, evidencia-se a ineficácia comunicativa e performativa do ato de fala. É nesse sentido que *dizer não é fazer*. Posteriormente, Austin mostra os possíveis efeitos que se revelam no momento em que uma infelicidade performativa ocorre. Isso gera diversos maus entendidos na comunicação, tais como *dissimulações, desonestidades, embustes, falácias, fracassos, ineficácia comunicativa, desrespeitos, deslealdades, infrações, indisciplinas, rupturas, insucessos*, etc. A noção de infelicidade performativa engloba tudo isso em seu escopo. Após isso, viu-se que esses elementos conduzem a diversos equívocos que se encontram, na maioria das vezes, no mundo privado dos falantes. No entanto, eles podem vir à tona ao se revelarem no mundo público por meio das ações e das atitudes dos falantes. Assim, revelam as intenções dos falantes por meio de uma disputa do querer que se aloja na linguagem ordinária. Onde os agentes buscam, em primeiro lugar, uma desejabilidade futura que nutre os interesses no palco social. É nesse sentido que *pensamentos e intenções carimbam o mundo físico por meio da fala, ações, atitudes e comportamentos. Se pensamentos e intenções carimbam o mundo físico por meio desses elementos, então as ações, atitudes e comportamentos dos falantes, de alguma forma, revelam seus pensamentos e suas intenções no mundo*. Tudo isso no escopo da vontade de agir de cada agente, por meio de suas respectivas ações de fala.

Sendo assim, se os atos de fala performativos infelizes carregam diversos equívocos, então eles ajudam a identificar a parte intencional do processo. O contexto de produção dos atos de fala, bem como seu universo de locução, pode (re)velar esse material. Se a linguagem é uma forma de agir sobre o mundo, a pragmaticidade da língua deve ser colocada em evidência. Desse modo, é preciso buscar uma forma de desvendar o dizer através do agir. A forma deve considerar o uso real da linguagem e seus efeitos, assim como suas consequências no contexto de produção de fala. Sendo

assim, existe um percurso que pode ser mapeado por meio de elementos intencionais que carimbam as ações no mundo. O percurso vai da intenção à ação e deixa rastros empíricos. Um ponto axiológico que se pode classificar como a **praxiologia dos atos de fala infelizes**. Aqui, é importante destacar a ideia central que carrega a palavra praxiologia,

Identificar o comportamento humano característico pressupõe convenções, sistemas de crenças e valores e instituições sociais que estão intrinsecamente relacionadas ao comportamento, e demanda conceitos associados a essas convenções, sistemas de valores e instituições. O sentido de tal comportamento pode, portanto, ser apreendido apenas histórica e contextualmente (Hacker, 2001, p. 69).¹⁴

Nesse sentido, a palavra praxiologia significa o estudo da ação humana. O ser humano deixa rastros de sua existência por meio de suas ações e atividades no mundo. A principal ferramenta de uso dele é a linguagem. De acordo com a passagem acima, o horizonte de sentido da ação humana é, portanto, o contexto histórico de uma forma de vida em que os próprios seres humanos se encontram. Somente nesse contexto regrado (*jogos de linguagens*) podemos afirmar que uma ação é realizada, pois é ali que se fundamentam as razões últimas oferecidas como razões para justificar a ação. Este cenário possui um matiz wittgensteiniano, tal como na passagem abaixo,

[...] a intenção está imersa na situação, nos costumes e nas instituições dos homens. Se não houvesse a técnica do jogo de xadrez, então também eu não poderia intencionalmente jogar uma partida de xadrez” (Wittgenstein, 2015, § 337).

Doravante, a situação de fala se encontra permeada de elementos intencionais que afloram a cada ato de fala performativo proferido e realizado. Disso decorre que, para cada ato de fala proferido, surgem novos elementos linguísticos e novos elementos pragmáticos. O contexto locutório faz emanar regras locais, peculiaridades culturais e costumes sociais que precisam ser observados, pois revelam condições intencionais de seus falantes. Este universo finda por se tornar parte inerente do ambiente de fala dos sujeitos e servem como regras que pautam suas ações e suas falas. Por isso,

¹⁴ Tradução minha.

O seguimento de regras e paradigmas, e eles próprios, são em definitivo ações humanas. A ação humana vem incrustada em um contexto humano de práticas e de vida, nos quais, e só nos quais, a regra, seu seguimento e seu jogo adquirem sentido e são tais. Ao final de toda interpretação está a prática humana e a vida humana. (Reguera, 2002, p. 197).

A “*performance (in)feliz*” (conteúdo que indica a veracidade ou falsidade do dito performático dentro de um contexto de fala específico), aquilo que se encontra relacionado com a (in)eficácia comunicativa do ato de fala performativo, ganha notoriedade nos estudos de diversos estudiosos do fenômeno da linguagem. Austin, como sendo mais um desses estudiosos, eleva o entendimento de que a dimensão performativa da linguagem sobrepõe-se à dimensão constatativa. Se falar é agir no mundo, se a linguagem performa o mundo, logo dizer é fazer. Mas, se a ação no mundo não condiz com o dito que lhe antecedeu, tem-se uma infelicidade na performance – **quando dizer não é fazer**. Por isso, deve existir conexão e parâmetros que aproximem discurso e prática. Surge, então, nesse contexto em específico, a necessidade de avaliar a intenção do interlocutor. Se ela se apresenta por meio da ação, atitudes e comportamentos dos agentes, então parâmetros para este fim devem ser levantados. Boa parte da tradição da filosofia da linguagem não deu conta deste embuste na linguagem, pois eles estão conectados como “acidentes” às sentenças declarativas. Por isso, fazem com que as sentenças declarativas percam seu teor principal, a saber, **julgar como verdadeiro ou falso os argumentos sobre o mundo**. Agora, a constatação do conteúdo verídico do dito que performa o mundo está imbricado de forma necessária nas ações dos agentes falantes. Assim, sempre trazem consigo uma carga performática em função da qual precisam ser analisadas.

Nesse sentido, o contexto linguístico permeado pela linguagem ordinária e sua pragmática são a matéria prima de análise. Somente eles podem (re)velar, em boa parte, os externalismos semânticos que o compõem. Por externalismos semânticos entende-se a confluência dos signos linguísticos e seus significados dentro dos mais diversos contextos de fala. Inclusive a carga performática que os atos de fala performativos trazem em seu bojo, tudo em um ambiente pragmático. Por isso, é necessária toda uma mudança terminológica a fim de dar conta deste novo fenômeno que é a (in)felicidade performativa dos atos de fala, a qual desemboca em ineficácia comunicativa. Assim, o fenômeno da performatividade da língua, com esse viés investigativo que destaca uma pragmática filosófica, tem seu pioneirismo em

Austin. Esse fluxo possui um escopo que engloba a dinâmica e a vida das pessoas. Linguagem é ação e dizer é fazer. Porém, em alguns casos, é possível dizer, sem fazer. ***É possível utilizar recursos linguísticos com fins persuasivos, mas com intenções enganadoras.*** A função da linguagem não é apenas representar o mundo, mas dizê-lo e performá-lo. Nisso ocorre o dizer e o fazer e o dizer e o não fazer. Assim, a teoria da ação monitora e identifica as infelicidades performativas a fim de que seja possível julgar os enunciados colocando lado a lado o dizer e o fazer. De acordo com as ações que os atos de fala realizam no mundo, de acordo com a vontade de agir de cada falante, de acordo com o fator da desejabilidade com que cada agente se movimenta em direção a um fim, tem-se a praxiologia. Tem-se o estudo da ação humana por meio da fala.

O termo praxiologia refere-se à ação por meio da linguagem. Nesse sentido, ninguém age sem a linguagem e nem usa a linguagem sem agir. O ser humano utiliza essa ferramenta como forma de obter alguma posição de vantagem em relação a outrem. Mesmo que de forma inconsciente, o ser humano possui essa característica constitutiva de sempre querer abandonar um estado de desconforto maior e partir em direção a um estado de desconforto menor. Essa meta é projetada e buscada por meio da linguagem. Uma vez que toda ação humana vislumbra esse interesse constitutivo da espécie, o ser humano sempre coloca em primeiro lugar o aumento de sua satisfação. Nesse sentido, é totalmente possível relacionar a teoria austiniana dos atos de fala com esse panorama. O interesse do ser humano se dá por meio de suas ações concatenadas à fala. Se este é o objetivo principal de toda ação humana (obter uma espécie de lucro), e sua intenção será revelada no mundo por meio de uma ação concomitante com o dito, então a principal ferramenta que o ser humano utiliza para esse fim é a linguagem. Nesse sentido, tem-se um fator intencional que se sobrepõe no horizonte investigativo, a saber, o desejo de obter algum tipo de lucro. Ninguém age com fins contrários a esse desejo soberano que está no topo da pirâmide da intenção humana. Desse desejo soberano derivam diversas intenções. O querer melhorar nutre toda a relação humana.

Nesse sentido, o ser humano deixa rastros no mundo ao agir. As ações advêm dos atos de fala performativos e desaguam no mundo. Assim, mostram um ser humano que só age e fala visando obter um desconforto menor em relação a sua situação presente. Por isso, muitos utilizam a linguagem para ludibriar e enganar seus interlocutores: “quando dizer não é fazer”. Nesse sentido, o homem age visando

alcançar uma situação futura mais vantajosa. Para tanto, não há métrica definida. Tudo se passa como se a mente humana agisse de forma programada para este fim. Em alguns casos e de forma inconsciente. Esse objetivo necessita ser colocado em prática nas ações de seus agentes. O ser humano que age, age de acordo com esse intuito. Assim, muitos utilizam discursos piedosos, mas com intenções ímpias e perversas. Com isso conseguem atuar na realidade por meio de discursos que não revelam a verdadeira intenção de quem os profere, pelo menos, previamente. A verdadeira intenção virá à tona no mundo físico carimbada nas ações. Trata-se de equívocos linguísticos que serão denunciados pela pragmática filosófica. Esta prioriza as ações dos falantes no momento da performance advinda dos atos de fala no mundo. Os equívocos são carregados pela infelicidade performativa. Quando determinado ato de fala vem esvaziado de sentido e ineficácia comunicativa, ele é denunciado por suas ações. O querer do agente manifesta-se e suas ações deixam rastro. Nesse sentido, a infelicidade performativa ocorre quando o que foi dito difere da ação gerada. Sendo assim, o dizer vem esvaziado de compromissos axiológicos e de responsividade moral e ética. Em casos assim, o dizer vem desconectado de quaisquer vínculos de compromisso e amarras com a sinceridade. Os exemplos mais comuns destes casos encontram-se nas promessas em que não existe o comprometimento em realizar aquilo que foi prometido. Porém, no ambiente da locução (fala) o indício da má intenção não tem como ser identificado. Isso só ocorrerá quando a fala tornar-se ação no mundo. A má intenção será denunciada pelo comportamento inadequado do falante.

Um bom exemplo disso é o ambiente político brasileiro. Muitos políticos, quando estão em período de campanha eleitoral, utilizam recursos retóricos e oratórios para alcançarem seus objetivos. Mas suas atitudes, ano após ano, apenas demonstram que não possuem nenhum compromisso ético e moral com suas promessas. Haja vista, todos os anos eles repetem as mesmas promessas. Se de fato houvesse felicidade performativa nos seus enunciados, as promessas teriam que ser outras, mas não as mesmas de sempre. Uma gramática da ação auxilia a mostrar que esse tipo de discurso está repleto de infelicidades performativas. Como no caso dos políticos e dos governos que passam por Pernambuco e nunca resolvem os problemas das áreas de morro da região metropolitana do Recife. No inverno os transtornos são sempre os mesmos. Nas eleições, porém, as promessas de atuação na resolução desse problema sempre se fazem presente. Todos os anos os

deslizamentos e as mortes provocadas se repetem. As ações que esses enunciados acarretam no mundo comprovam que eles estão repletos de infelicidades performativas, isto é, dizer não é fazer.

Outro exemplo, mencionado na introdução, é o juiz de paz que pergunta aos noivos se eles concordam em contrair o matrimônio. Suponha que um dos dois noivos diz que não deseja casar, mas depois diz que tudo não passou de uma brincadeira. Nesse caso, o juiz não pode realizar o casamento, pois uma das partes expressou indícios de sua carga intencional contrária ao evento (mesmo que brincando). Nesse sentido, o desejo de não querer se casar, de alguma forma, foi externado e gerou uma ação que indica a intenção do falante naquele momento, qual seja, ser contra o matrimônio. Mesmo que por um ato falho. Nesse exemplo, mesmo tendo atendido às exigências específicas de um ritual jurídico-linguístico, mesmo estando condizente com a performance no mundo, a fala revelou que aquele evento continha algum equívoco. Algum tipo de infelicidade performativa, ou seja, **uma infelicidade funcional ou de má execução**.

Suponha-se, agora, que uma das partes não deseje se casar, mas não revele isso em público por meio da fala. Mesmo assim, ela segue com a cerimônia e profere tudo de acordo com o ritual linguístico e pragmático exigido para aquele contexto. Aqui, caracteriza-se uma infelicidade de cunho passional, pois é uma dissimulação nutrida apenas no mundo privado do falante. A dissimulação materializar-se-á no mundo público, em algum momento, por meio das ações, atitudes e comportamentos do agente. Nesse sentido, existe um percurso da intenção até a ação que é nutrido e pavimentado pelo "querer" dos agentes. Assim, as ações dos falantes no mundo revelam ou não as falhas que ocorrem no sistema dos atos de fala performativos. Assim, demonstram a intensa tensão que existe em torno do "querer" e da "vontade".

Outro ponto que se deve levar em conta é que as obras de John Austin não puderam ser concluídas ainda com o autor em vida. Isso provoca muitos desconfortos hermenêuticos. Mas é bem verdade que diversos comentadores de Austin assistiram suas preleções e palestras. Outros até conviveram com ele e deixaram registros de que o material utilizado nas palestras de Austin e nas suas aulas está preservado com as principais ideias do autor. Boa parte dos livros que se tem hoje sobre os atos de fala performativos foi confeccionado a partir desse material. O objetivo de se alertar quanto a isso é a necessidade de trazer alguns recortes do pensamento de Searle para esta discussão. Searle foi aluno dissidente de Austin em Oxford. No que diz

respeito à intencionalidade dos atos de fala performativos, Searle tornou-se uma autoridade no tema. Ele divergiu de Austin sobre a teoria dos atos de fala e passou a enxergar o mesmo fenômeno com lentes diferentes. Ainda assim, é necessário trazer as considerações de Searle sobre o fenômeno da intenção nos atos de fala. Mesmo que seu conceito de intenção seja bastante amplo. Desse modo, a seguinte definição norteará essa análise, a saber, que a “Intencionalidade é a capacidade que muitos estados e eventos mentais possuem de serem dirigidos para ou acerca de algo no mundo” (Searle, 1983, p.13). Para Searle, a intencionalidade aponta de forma direta para a noção de direcionalidade. A direcionalidade coaduna-se com a **praxeologia do querer**, ou seja, a ação que o ser humano realiza no mundo visando um tipo de lucro e que vai do dizer ao fazer. Esta ação tem como principal ferramenta a linguagem. A ação tem diferentes direções de ajustes a fim de alcançar diversos objetivos. A ação é nutrida pela vontade e querer dos agentes com base nas necessidades dos agentes. Dito isso, é preciso fazer outra ressalva sobre a recepção das ideias de Austin por parte de Searle. Nesse sentido, Rajagopalan afirma que Austin

foi sequestrado para caber nos moldes da linguística hegemônica. [...] A intervenção de Searle foi fundamental para “domesticar” Austin e rever seus pensamentos, de tal modo que pudessem ser incorporados à estrutura formal fornecida pela gramática gerativa, referida como a “hipótese performativa abstrata”. Ao descontextualizar o ato de fala individual, ou seja, ao retirá-lo de seu contexto, a fim de considerá-lo isoladamente como uma unidade investida de certo potencial comunicativo (ilocucionário), Searle tornou possível ao conceito ser facilmente absorvido pelo modelo de sintaxe que estava sendo proposto pelos defensores da “semântica gerativa” (Rajagopalan, 2010, p. 42).

Diversos comentadores de Austin, assim como estudiosos da linguística e da filosofia da linguagem concordam que as ideias de Austin foram recepcionadas por muitos pensadores que as desregionalizaram. Dito de outra forma, a teoria de Austin foi usada para caber na métrica de outras teorias. Essa cama de Procusto contemporânea em que Austin foi colocado, não impede que se resgatem alguns pensamentos de Searle sobre o tema. Mesmo que ele seja suspeito de ter distorcido algumas das principais ideias de Austin. Porém, Searle também é uma autoridade quando o assunto é atos de fala e a intencionalidade. Independentemente do ângulo com que o fenômeno da performatividade é averiguado, pontos em comum podem ser

observados entre Austin e Searle. O principal é o parecer sobre o fenômeno da intencionalidade no sistema dos atos de fala. Nesse sentido, Searle afirma que

Until Fairly recently it seemed possibly to draw a boundary, however vague, between linguistics and the philosophy of language. Linguistics dealt with empirical facts of natural humans language. The Philosophy of language dealt with the conceptual truths that underlie any possible of language or system of communication. Within the terms of this distinction, the study of speech acts seemed to lie clearly on the side of the philosophy of language, and until the past few years most of the research on speech acts was done by philosophers and not by linguists. Lately, however, all this has changed. In the current period of expansion linguists have simply moved into large territories where previously only philosophers worked, and the writings of such philosophers as Austin, Grice and others and have now been assimilated into the working tool of the contemporary linguists (Searle, 1979, p. 162).

Searle chama atenção para a falta de distinção entre a linguística e a filosofia da linguagem. De acordo com ele, o trabalho dos filósofos é realizado por linguistas. Mas, para Austin as fronteiras entre filosofia da linguagem e linguística sempre estiveram estabelecidas. Essa falta de fronteiras pode ser observada no comentário de Ottoni sobre a abordagem da performatividade por parte de Benveniste. Segundo Ottoni,

Benveniste não percebe que por detrás das reflexões sobre a performatividade de Austin há uma visão da linguagem. Quero dizer que Benveniste fica no nível do enunciado, do 'linguístico', e não faz referências ao processo de elaboração da performatividade no interior da argumentação de Austin; sua abordagem se utiliza da performatividade de maneira compartimentada. (Ottoni, 1998, p. 65).

De acordo com a passagem acima, pode-se afirmar que o fenômeno da performatividade não é capturado pela forma linguística ou gramatical. Muitos que não conseguiram realizar essa captura a perderam de vista. A performatividade presente nos atos de fala independe por completo da gramática e da linguística. Porém, de alguma forma, a performatividade acompanha tudo isso. Mas de forma independente. Tudo isso gera diversos desafios metodológicos, principalmente para uma perspectiva mais tradicional dos estudos da linguagem. Ottoni refere-se à Austin como um “demolidor, um ‘desconstrutor’ de uma filosofia tradicional e – por que não? - de uma linguística tradicional” (Ottoni, 1988, p. 25). Evidências desse caráter desestabilizador das propostas de Austin são, de maneiras distintas, tanto as críticas de Benveniste,

quanto a apropriação da teoria por Searle. Benveniste busca delimitar as fronteiras entre “filosofia” e “linguística” e declara interessar-se apenas por “*atos propriamente linguísticos*” (Ottoni, 1988, p. 60). Esta é a principal tensão entre Benveniste e Austin. Além disso, Benveniste busca explicar e explicitar a questão do performativo como observável apenas por marcas linguísticas. Isso vai contra a proposta de Austin da análise do ato de fala total, no seu contexto real, sem uma distinção entre sujeito e objeto. Fica nítido que as lentes de Austin possuem um grau linguístico e pragmático, porém filosófico.

O ponto é que Austin transforma-se em uma espécie de desconstrutor das visões e correntes tradicionais com sua visão performática da linguagem. Isso vale tanto para a linguística, quanto para a filosofia da linguagem. De acordo com a visão performática austiniana, o dito contém fenômenos que o léxico gramatical não materializa. O léxico gramatical não captura a intenção dos falantes, nem a ação que advém destes e que desemboca no mundo. Consequentemente, o léxico gramatical também não captura a vontade de agir de cada agente, nutrida pelos fenômenos da desejabilidade e do querer. Nesse sentido, fica nítido os objetivos de Austin,

É verdadeiro ou falso que Belfast fica ao norte de Londres? Que nossa galáxia tem o formato de um ovo frito? Que Beethoven era um bêbado? Que Wellington venceu a batalha de Waterloo? Há vários graus e dimensões de sucesso quando fazemos afirmações: as afirmações se adequam aos fatos de uma maneira mais ou menos frouxa – de diferentes maneiras dependendo da ocasião e dos propósitos. (Austin, 1970, p. 130).

Aqui, é notório que Austin mais uma vez deixa clara a importância da pragmaticidade no ambiente comunicacional. A dinâmica do dito envolve propósitos e ocasiões específicas. Conveniências e interesses estão atrelados ao ato de falar e podem ou não serem reveladas no momento em que a fala transforma-se em ação no mundo. Fatos envolvem conveniências sociais, interesses, propósitos e intenções dos falantes que compõem aquele contexto de fala específico. A fala dos interactantes não pode ser analisada de forma isolada do contexto. Os graus de sucesso presentes nas afirmações e nos enunciados devem ser julgados a partir da conexão desses fatos com todos esses elementos. Isso se torna uma exigência performática para que o ato de fala performativo seja feliz. Do contrário, tem-se a infelicidade performativa e sua praxiologia do querer.

Por isso, as ações dos seres humanos nos contextos de fala locutórios devem ser analisadas em paralelo com o dito. Falar é agir sobre o mundo e no mundo. O estudo dessas ações em um universo praxiológico pode revelar as infelicidades performativas dos atos de fala. Essa dinâmica revela um percurso que vai da intenção à ação. Essa realidade preenche a existência dos processos linguísticos. Estes que se encontram repletos de atitudes e ações dos falantes que findam por revelar, de uma forma ou de outra, a intenção de cada falante. Os atos de fala, dentro de seus respectivos contextos, permitem que as ações sejam averiguadas e cada uma tendo o poder de revelar a intenção de cada ser falante.

3.1. A INFELICIDADE PERFORMATIVA COMO MÉTRICA DE (IN)SUCESSO DOS ATOS DE FALA.

Pode-se dizer que a métrica para o sucesso ou insucesso dos atos de fala é a infelicidade performativa. Seja ela de cunho passional ou funcional. A infelicidade performativa é um fenômeno que pode ser observado a partir dos pressupostos pragmáticos da teoria austiniana sobre a linguagem. No sistema dos atos de fala performativos, os atos de fala podem ser verídicos ou não verídicos. Eles podem ou não carregarem felicidades e infelicidades. O uso desses termos em detrimento dos termos verdade e falsidade visa evitar de se incorrer no erro denunciado por Austin ao destacar a falácia descritiva. As noções de verdade e falsidade só podem ser aplicadas às sentenças declarativas que constatarem uma configuração do mundo. Porém, elas não dão conta da performatividade inerente à fala.

Nesse sentido, a felicidade performativa aponta para uma realidade de sucesso pleno na emissão de um ato de fala. Aqui, sucesso significa falta de rupturas entre o dizer e o fazer, ou seja, inexistência de *falhas, indisciplinas, embustes, enganos e equívocos no procedimento e no proferimento de um ato de fala*, etc. Quando a ação e o dizer encaixam-se plenamente e conectam-se com o mundo real em que o falante está, tem-se o pleno sucesso performativo do ato de fala, pois fala, intenção e ação encontram-se em plena harmonia. Caso contrário, tem-se a infelicidade performativa. Nesse sentido, a noção de infelicidade performativa é basilar na compreensão dos atos de fala performativos e de todo seu sistema. Desse entendimento segue-se que,

Ludwig Wittgenstein and J. L. Austin argued that this picture of how language works and how it should be studied is completely wrong. Languages and linguistic entities are not bloodless abstract objects that can be studied like specimens under a microscope. Rather, language takes the form of behavior, activity—specifically social practice. Sentences do not have lives of their own. The things we write on blackboards, and the alleged “propositions” they express, are fairly violent abstractions from the uttering performed by human beings in real-world contexts on particular occasions. (Lycan, 2008, p.80).

Com base na passagem acima é possível aferir que a linguagem é um processo puramente pragmático e que ocorre na vida das pessoas e no seu cotidiano. Ocasões particulares de fala ocorrem nos mais diversos contextos da vida humana. Esses contextos devem ser explorados na busca do ato de fala total. Nesse processo, elementos metafísicos que antes eram mais valorizados nos estudos da linguagem, agora passam à esfera pragmática da linguagem ordinária. Com isso, a linguagem na sua confluência e na sua dinâmica diária passa a ser muito mais atrativa em termos de fenômenos a serem estudados. Os fenômenos têm cunho empírico. Língua e entidades linguísticas não podem ser vistos como elementos abstratos, mas como elementos da vida real das pessoas. Língua é comportamento, ação e atitude. Necessariamente falar é agir no mundo. Por isso, a linguagem performa o mundo e não apenas o diz.

As práticas sociais são reveladas por meio da língua e vice-versa. As práticas são permeadas de ações intencionais que desembocam em um saber prático. Dito de outra forma, seres humanos vivem e falam dentro de contextos específicos. Estes contextos devem ser levados em conta nas análises da linguagem com toda sua carga performativa. Toda linguagem é produzida nos mais diversos contextos de fala. A visão performática da língua pressupõe que os atos de fala performativos devem ter conexão com o mundo que o cerca e com o contexto específico em que os atos de fala são produzidos. Isso inclui comportamentos, atitudes e posturas sociais que acompanham o dito. Quando um enunciado performativo destoa da realidade que o cerca em termos comportamentais, morais e éticos, tem-se a infelicidade performativa. Sendo assim, a noção de infelicidade performativa passa a ser a métrica de toda a realidade e de todo discurso produzido na realidade.

Aqui, é necessário pontuar mais uma vez que Austin trata com detalhes desse aspecto da linguagem. A linguagem possui um caráter muito mais funcional e prático do que qualquer outra coisa. Este caráter funcional determinará o sucesso ou o insucesso dos atos de fala. A métrica dessa análise é a realidade, pois, se fala,

atitudes e ações desaguam no mundo físico a todo instante, são estes fenômenos que servem de parâmetro para que os atos de fala performativos sejam aferidos como felizes ou infelizes.

Doravante, o contexto locutário passa a ser a matéria prima dentro dos estudos da linguagem. Esse contexto locutário é o ambiente em que locutores emitem seus enunciados. Designando assim um ato de fala dentro de uma situação comunicacional. Esses atos de fala em específico assumem novos desafios hermenêuticos. A compreensão não depende apenas da esfera locutiva, mas também das esferas da ilocução e perlocução. Dito de outra forma, a fala percorre um trajeto que vai da sua pronúncia (locução), passa por uma ação no mundo advinda da fala (ilocução) e chega no resultado prático dessa ação no mundo (perlocução).

Esses resultados pragmáticos são os que mais interessam para a teoria da ação e da pragmática austiniana. Pela primeira vez na história dos estudos sobre a linguagem o dito e a sua ação possuem relevância social, moral, ética e filosófica. Por isso,

If disengagement resulted in an inquiry which was entirely outside the space of traditional interests it would not be clear why it would have any critical bearing on them. Bennett's view that Austin's work is irrelevant to the traditional problematic would then seem to be about right. But Austin does not claim that his own work is totally remote from traditional concerns. On the contrary, one might say that it is an attempt to disclose them as such. That is, Austin's 'unhampered work' is carefully oriented towards assumptions in the texts he reads that are basic and internal to a particular way of going on in philosophy—the assumptions, that is, which lie at the bottom of traditional philosophy as a tradition. In a moment I will highlight and underline the Disengagement Strategy in Austin's most methodologically explicit text, 'A Plea for Excuses'. However, it is equally evident in his classic study of language, *How to Do Things with Words*. Austin's investigation into performative utterances simultaneously reveals and problematizes the traditional focus that makes assertions—'constative statements'—primary and the norm of language, treating other kinds of utterances as supplementary forms (Gustafsson; Sorli, 2011 p. 43).

De acordo com a passagem acima, deve-se observar que Austin possui um certo desengajamento dos temas da filosofia da linguagem mais tradicionais. Isso conta como evidência para reforçar a segunda fase do pensamento de Austin e que tem um caráter eminentemente pragmático. No entanto, essa alegação deve ser tratada com cuidado. O que está em jogo aqui é que a teoria austiniana dos atos de fala performativos demonstra que existem elementos da linguagem que carecem de maior atenção. Sobretudo da linguagem ordinária. Nesse sentido, a ênfase dada às

asserções como carro chefe dos estudos sobre a linguagem é um engano, pois minimiza a importância da dimensão performativa da língua. Esta dimensão e os atos de fala performativos são o caráter essencial e primário da linguagem.

Nenhum ser que fala exerce esse poder de forma completamente estática, pois os seres falantes falam e agem em busca de um fim. O fim encontra-se impregnado nas ações e atitudes dos falantes. Devido a isso, Austin analisa essa dinâmica da língua como sendo o retrato da realidade. Assim, a infelicidade performativa constitui-se na base para avaliar aquilo que se diz e aquilo que se faz no mundo. Nesse sentido, a infelicidade performativa é a métrica dos sucessos ou insucessos dos atos de fala performativos, pois ela indica se um ato de fala performativo possui credibilidade quando é produzido - dentro do contexto que fora produzido. Não basta somente pronunciar enunciados, uma vez que as ações advindas das enunciações devem estar conectadas com a fala. Isso, sobretudo, com relação à carga intencional do falante. Além disso, o aspecto funcional do ato de fala em si também deve coadunar com o dizer. Caso contrário, não se tem sucesso no que se diz. O ato de fala total deve ser analisado da pronúncia até seus resultados práticos no mundo. O contexto locutório é analisado pelo que se diz e pelo que se faz. As ações e atitudes dos agentes falam mais alto do que suas próprias palavras. Assim, as intenções são mapeadas. Aqui, a dimensão contratual dos atos de fala performativos ganha corpo e notoriedade. Por isso, o dizer deve estar relacionado diretamente com o fazer. Quando se diz e não se age de acordo com o que foi dito, tem-se o insucesso marcado pela **infelicidade performativa**. Isso acarreta diversos outros males arraigados aos processos comunicacionais.

Assim, a realidade é composta pela somatória de atos de fala performativos, os quais devem ter conexão intensa com o mundo real. A conexão deve ser no sentido de o ato de fala poder dizer como o mundo se configura. Mas não só isso, o ato de fala também possui o poder de agir **sobre** o mundo - o performando. Dito de outra maneira, discurso e prática são dois fenômenos que devem estar conectados para serem coerentes com o mundo que os acolhe e de onde brotam. Caso contrário, possuem infelicidades performativas e comprometem a realidade discursiva em torno dessas falas. Para isso, o princípio da contextualidade ganha corpo mais uma vez. E não pode ser ignorado dentro dessas cadeias enunciativas, ou seja:

É fácil imaginar circunstâncias em que o verbo “cortar” em “cortou a grama” teria a mesma interpretação que tem em “cortar o bolo”, mesmo que nenhum dos conteúdos semânticos das palavras fosse alterado. Suponhamos que eu e você administremos uma plantação de grama para vender faixas de grama a pessoas que desejam um gramado em pouco tempo. [...] Digamos que eu lhe peça “Corte meio acre de grama para esse cliente”; eu posso não lhe estar pedindo para aparar a grama, e sim para fatiá-la em tiras, do mesmo modo como você cortaria um bolo ou um pedaço de pão. [...] Ou, analogamente, suponhamos que nós administremos uma confeitaria onde, devido ao alto poder do fermento que usamos, os bolos cresçam incontrolavelmente rumo ao teto. Posso berrar para você “Continue cortando esses bolos”, não querendo dizer para você fatiá-los, mas sim para que você continue aparando seus topos. [O] verbo “cortar” é vago, e os contextos [...] das sentenças 1-5 possibilitam ao ouvinte inferir o que o falante quis dizer, ainda que o significado do falante não tenha sido precisamente expressado pelo significado literal da sentença proferida (Searle, 1980, pp. 224-225).

A noção de que a língua depende do contexto em que ela é produzida, bem como a compreensão daquilo que é dito, também depende desse ambiente e é de fundamental importância para a teoria dos atos de fala performativos. A passagem acima mostra justamente isso. A infelicidade performativa decorre do contexto locutório. O (in)sucesso dos atos de fala pode ser considerado como a métrica de toda a linguagem, uma vez que eles carregam as infelicidades performativas que comprometem o dito e a sua dinâmica no bioma do dizer. Promovem uma realidade forjada em discursos que não completam as exigências performativas para serem discursos sólidos e com credibilidade, com base no dizer e no fazer. Por isso, faz-se necessário uma retomada dos processos da língua com base nas ações de mundo que essa língua produz (tanto em caráter macro e micro)

Um excelente exemplo de infelicidade performativa que se tem nos dias atuais fica por conta do Presidente da Rússia, Vladimir Putin. A Rússia declarou guerra contra a Ucrânia por diversos motivos. Porém, o principal motivo é que a Rússia não aceita a entrada da Ucrânia na OTAN. Fato que deixaria a Ucrânia mais forte militarmente falando. Pois como membro da OTAN teria o apoio de diversos outros países, sobretudo em casos de guerra. O fato é que o Presidente da Rússia acusa o mundo de russiafobia. Segundo ele, o mundo está perseguindo a Rússia. Para Putin, ele não está fazendo guerra com a Ucrânia e nem aceita essa acusação. Putin chegou a ordenar prisões de civis ou quaisquer outras pessoas que estejam em território russo, que o acuse de estar fazendo guerra. Aqui, tem-se um exemplo onde ações e fala não condizem com a realidade dos fatos. E a intenção do enunciador se encontra impregnada na práxis de seu discurso onde o presidente russo fomenta discursos de ódio e autoriza seu exército cada vez mais a acabar com o território da Ucrânia. As atitudes e as ações que um discurso gera no mundo revelam a real intenção de seu enunciador. De alguma forma, o fenômeno da intenção se materializa no mundo físico e passa a não ser tão invisível quanto se pensa.

3.2. OS PERFORMATIVOS (IN)FELIZES: UMA ARQUITETÔNICA DA REALIDADE POR MEIO DOS ATOS DE FALA.

A dinâmica da linguagem pode ser vista como uma espécie de arquitetura na qual os atos de fala performativos são a base dessa edificação. Uma estrutura cuja principal ideia é a funcionalidade do dito. Falar é, necessariamente, agir no mundo. A partir disso, Austin estabelece o caráter performativo da linguagem como sendo o principal elemento do dito. A linguagem constata ou descreve. Porém, performa toda a realidade muito mais do que a descreve ou a constata. A performatividade é mais abrangente que qualquer outra dimensão da língua. Ela é parte condicionante da estrutura da linguagem. Sendo assim,

Uma maneira de ver isso é imaginar o que constitui uma obediência à ordem de cortar alguma coisa. Se alguém me pede para cortar a grama e eu corro e esfaqueio-a com uma faca, ou se me falarem para cortar o bolo e eu passar por cima dele com um cortador de grama, em cada caso, eu terei falhado em obedecer à ordem. Não seriam essas as coisas que o falante quis dizer na sua enunciação literal e séria da sentença. (Searle, 1980, p. 223).

De acordo com a passagem acima, é nesse sentido que um ato de fala performativo deve ser compreendido na sua forma total. Isso quer dizer que o ato de fala performativo possui uma carga de sentido e significado atrelado ao contexto de fala onde foi produzido. A carga de sentido aponta diretamente para a ação que ele realiza no mundo. Se, porventura, essa ação no mundo se afasta dos elementos de fala que a geraram, se existem elementos materializados que indicam má intenção nas atitudes e nas ações do agente, configura-se a infelicidade performativa. Nesse sentido, a convenção linguística onde o ato de fala foi produzido também configura o cenário das infelicidades. Os atos de fala performativos não podem ser destoantes dos costumes e dos usos que ocorrem dentro da convenção.

Nesse sentido, os atos de fala performativos possuem uma arquitetura baseada em uma estrutura pautada na **felicidade** e **infelicidade** performativa. No exemplo da citação acima, cortar o bolo requer e pressupõe uma ação que condiga com atitudes já previstas e determinadas por convenção, assim como cortar a grama. Porém, os pressupostos contextuais podem trazer interpretações diferentes e a carga intencional dos falantes pode sofrer direções de ajustes das mais diversas. A ação é o padrão do potencial inferencial dos atos de fala.

Assim, ato de fala total é o mesmo que **enunciação literal** ou **enunciação séria**. Trata-se de uma enunciação emitida por um emissor em direção a um receptor que deve atender todas as exigências pragmáticas atreladas a uma convenção linguística de usos e costumes inerentes a determinado contexto de fala. Essa estrutura permite o mapeamento de uma arquitetura dos atos de fala performativos. Desse modo, pode-se revelar o teor de felicidade ou infelicidade desses atos. A falibilidade ou a infalibilidade dos atos de fala tem um sentido funcional e pragmático. Eles são eficazes comunicativamente ou carregam patologias comunicacionais, equívocos, falhas, insucessos (*infelicidades performativas*). Tudo isso determina seu caráter valorativo, são elementos determinantes para a compreensão dessa arquitetura.

Quando Austin percebe o caráter performativo da linguagem e sua essência baseada na ação junto com a fala, um novo horizonte se vislumbra. A realidade é composta pela língua (fala, locução) e ações (atitudes e comportamentos). O dizer deve ser intrínseco ao fazer. Ambos devem possuir a mesma fórmula. Caso contrário, ocorre a infelicidade performativa que denuncia a incoerência entre o dizer e o fazer. Tal como um quebra cabeça em onde as peças se encaixam e formam uma imagem.

Quando o dizer não se encaixa com o fazer, quando não existe encaixe entre essas duas peças da engrenagem da língua, configura-se a infelicidade performática. Sendo assim, não se pode conciliar o dito sem a ação que o acompanha, bem como essa ação deve se encaixar com o dito em termos intencionais. Se um existir sem o outro, acusa-se algum tipo de equívoco advindo da infelicidade performativa. Sobretudo ao levarmos em consideração o ato de fala total: língua falada, ações, gesto corporal, intenção, conveniências sociais, etc. Aqui, a dimensão performativa da linguagem ganha notoriedade. Ela determina uma nova forma de enxergar o mundo e a realidade da linguagem que o preenche. Por isso,

Os fenômenos intencionais, tais como os significados, as compreensões, as interpretações, as crenças, os desejos e as experiências só funcionam diante de um conjunto de capacidades de Background que não são, em si mesmas, intencionais. Outra maneira de formular a tese é dizer que toda representação, seja na linguagem, no pensamento ou na experiência, só obtém sucesso em representar dado um conjunto de capacidades não-representacionais. Isto é, no meu jargão técnico, os fenômenos intencionais só determinam condições de satisfação relativamente a um conjunto de capacidades que não são em si mesmas intencionais. (Searle, 1992, p. 175).¹⁵

O elemento intencional é o combustível de todo esse processo. A vida é dinâmica e a linguagem a penetra de forma intensa. Se linguagem é ação, as ações dos falantes preenchem a vida e revelam muito de suas reais e verdadeiras intenções. Sendo assim, os contextos de fala devem ser analisados com foco nas ações. Não somente naquilo que é dito. De acordo com a passagem acima, o funcionamento dos estados e eventos intencionais exige as capacidades do *background*. Por “*background*” entende-se o conjunto de capacidades e habilidades mentais não representacionais que um indivíduo possui, ou seja, *frames*.¹⁶ Este envolve determinados tipos de conhecimento prático [*know-how*], os quais são condições necessárias, mas não suficientes, para a própria existência dos estados intencionais. Desse modo, Searle distingue entre ***background profundo*** e ***background local***. O *background profundo* envolve as capacidades comuns a todos os seres humanos em virtude de sua constituição biológica, tais como andar, comer, reconhecer etc. Já o *background local* inclui as capacidades que adquirimos por meio de práticas culturais locais. Nesse sentido, essas práticas sociais adentram a arquitetônica dos atos de fala

¹⁵ Tradução minha.

¹⁶ *Frames* significa quadro. Palavra utilizada na psicologia para demonstrar um recorte de pensamento.

e permeiam a realidade por meio das ações de fala – o agir performático. Para que um ato de fala performativo seja compreendido, ele precisa ser analisado em sua totalidade, em sua seriedade e em sua literalidade. Isso inclui também a noção de ***background local***.

O contexto enunciativo performático é determinante para a compreensão da estrutura da realidade. A realidade é formada por uma dinâmica composta pela fala e ações que decorrem dessa. Assim, os **estados mentais confundem-se com os estados intencionais. Estes se confundem com atos de fala performativos**. Tudo isso está atrelado ao contexto de fala. Evidentemente que os conceitos de intenção mudam de um teórico para outro (como no caso de Austin e Searle, por exemplo). Porém, Austin e Searle concordam com o princípio da contextualidade e que este é determinante para a análise da estrutura da realidade que ocorre por meio da fala e da ação. As demandas da linguagem são estudadas olhando-se para a ação e vice-versa, pois ambas estão imbricadas uma na outra. Nesse sentido,

O mesmo significado literal determinará diferentes condições de satisfação (por exemplo, diferentes condições de verdade) relativamente a diferentes suposições de Background, e alguns significados literais não determinarão condições de verdade algumas por conta da ausência de suposições de Background adequadas. (Searle, 1992, p. 178).¹⁷

Tendo em vista a passagem acima, é importante enfatizar que as condições de verdade dizem respeito ao contexto dos falantes. Dizem respeito ao ambiente social do uso da fala ou ambiente pragmático. O significado literal está atrelado às condições de satisfação do dito. Isso significa dizer que o que deve ser analisado é o ato de fala total, aquele conteúdo enunciado que vai da intenção e que passa pela fala. Chegando no mundo público por meio de uma ação do agente falante (locução, ilocução e perlocução). Condições de verdade dizem respeito aos *frames (background local)* revelados pela realidade e pelo contexto social que abarca a linguagem.

Outro ponto importante na citação acima é que atos de fala performativos, estados mentais e estados intencionais são tentativas de explicar a relação entre mente e mundo. Nesse sentido, todos comungam de princípios tipológicos, conteúdo, direções de ajustes, modos psicológicos e condições de satisfação (*in*)*felicidade*

¹⁷ Tradução minha.

performativa). Esta última é considerada o principal elemento da arquitetura da realidade e da dinâmica da linguagem, pois é ela que afere os (in)sucessos decorrentes da relação entre o dizer e o fazer. As características da estrutura lógica dos estados intencionais mostram que o modelo da intencionalidade é muito semelhante ao modelo da linguagem. Isso significa que os estados intencionais representam os objetos e estados de coisas do mundo de modo análogo aos atos de fala performativos. Mas, seu elemento performativo é a novidade. Por isso, Austin insiste na análise do ato de fala total para que este possa ser captado em sua completude. Não apenas no âmbito psicológico e/ou linguístico, mas no âmbito pragmático e filosófico. E tudo isso compõem essa arquitetura dos atos de fala.

3.3. A INFELICIDADE PERFORMATIVA COMO BASE PARA UMA TEORIA DA AÇÃO: AÇÃO É SIGNIFICADO.

Para a teoria dos atos de fala performativos a ação serve como matéria prima principal para os estudos da dinâmica da língua e do comportamento humano. Tudo isso ocorre por meio da fala. É com esse pressuposto que se averigua o sistema dos atos de fala performativos e a noção de infelicidade performática. Além disso, as palavras estão intrinsecamente conectadas com atitudes. Sendo assim, as ações dos agentes falantes podem ser analisadas de forma mais intensa quando o foco for a noção de sentido dentro da língua. Uma linguagem amputada de sua característica pragmática seria estéril e infértil. Foi nesse sentido que a filosofia tardia de Wittgenstein propôs que a linguagem nada mais é do que "uma ação humana no mundo"¹⁸. O mundo é repleto de jogos de linguagens regrados. Nesse sentido, possuem um caráter praxiológico.

O falante, o receptor e o contexto de produção de fala (contexto locutório) possuem uma relação intrínseca. Desta, é extraído o sentido e o significado de acordo com a confluência do dito e as razões que justificam o dizer. Isso ocorre numa trama de símbolos e signos que envolvem o sujeito da ação na própria constituição do seu sentido. Motivando assim os agentes a um **motivo de agir**. O motivo de agir é nutrido pela desejabilidade e pelo querer que conduzem as ações a um fim específico. Tudo isso é levado a cabo pelo elemento intencional presente no processo. Desse modo, a

¹⁸ Verificar citação no § 43 das Investigações Filosóficas.

relação entre linguagem e ação desemboca na consideração do sentido e significado do mundo e da vida. Por isso, estas dimensões devem ser analisadas com lentes pragmáticas. Assim, fazer algo no mundo por meio da fala, necessariamente, significa algo, bem como aponta para um sentido. Por isso,

Quero desafiar [...] a visão segundo a qual o significado literal de uma sentença pode ser compreendido como o significado que ela tem independentemente de qualquer contexto. [...] A concepção que atacarei é algumas vezes expressa pela afirmação de que o significado literal de uma sentença é o significado que ela tem num “contexto zero” ou “contexto nulo”. (Searle, 1979, p. 117).¹⁹

De acordo com a passagem acima, Searle tem uma concepção do princípio da contextualidade parecida com a de Austin, dado que ambos concordam que não existe uma espécie de ambiente de fala que seja marcada por uma “nulidade contextual” ou por um ambiente que seja totalmente desprovido de contexto – “contexto zero ou neutro”. Nesse sentido, como se apontou, as ações de determinados ambientes de fala precisam ser analisadas à luz da noção de ato de fala total. Com isso, as ações são o elemento chave dos atos de fala performativos e dos estudos da linguagem de um ponto de vista performativo. Por isso,

Os usos das palavras sempre são voltados para finalidades criadas no interior de situações práticas – seja na prática da vida cotidiana, seja na prática científica, ou, ainda, nas diversas formas de prática filosófica, artística, religiosa, etc. -, de maneira que essas finalidades podem ser as mais variadas, desde a construção de sistemas de medida, teorias científicas, sistemas filosóficos, artísticos, religiosos, até a construção de objetos, como casas, pontes, etc. (Moreno, 2005, p. 154).

Com base na citação acima, pode-se afirmar que para a teoria dos atos de fala performativos a ação é a protagonista no sistema da linguagem, pois ela é ação no mundo e carregada de elementos intencionais e condições do mundo privado dos falantes que desembocam nas situações de fala que acontecem no mundo físico. As situações práticas de fala ocorrem nas mais diversas áreas da vida humana. Como o ser humano age com vistas a um fim, então seu principal interesse é **sair de um estado de lucro e proveito menor para um estado de lucro e proveito maior**. O ser humano age em busca desse fim mesmo que de forma inconsciente. Nesse

¹⁹ Tradução minha.

sentido, a vida humana em sociedade ocorre por meio de uma disputa de interesses que se dá pela linguagem. De alguma forma, tudo isso desemboca nas ações e atitudes que o ambiente do contexto de fala de cada pessoa, grupo, comunidade, etc., denunciam. Como já se falou anteriormente, é por meio desse interesse que os seres humanos se movimentam. Este interesse se encontra estampado nas práticas dos agentes. Sendo assim,

A intenção de alguém ao agir não é algo tão privado e interior a ponto de ele ter autoridade absoluta ao dizer o que ela é - assim como ele tem autoridade absoluta ao dizer o que sonhou (Anscombe, 2023, p. 74).

Nesse sentido, o pensamento em destaque mostra que a intenção não se trata de algo tão oculto como se pensa. Se comparado a um sonho, por exemplo. Um sonho de uma mente difere da intenção de uma mente: ambos podem trazer resultados interessantes dentro dessa análise. Um sonho é totalmente privado e não se teria como aferir a sinceridade da pessoa que o expõe, pois o ser humano não age no mundo quando sonha. Por meio da fala, ele relata o que sua mente processou naquele estado onírico. Aqui, se usa a fala para relatar um evento passado. Isso difere dos interesses envolvidos em uma ação performativa. Estas são ações motivadas por algum interesse futuro que denuncia a intenção do agente no mundo físico. Por isso, a intenção pode ser considerada como possuindo um caráter mais público do que privado. As ações revelam as intenções que são ligadas a elas. O interesse de agir sempre aponta para um interesse futuro, que domina e permeia as ações humanas. Assim, a performance de um ato de fala no mundo, em algum momento, revela a intenção de seu agente, uma vez que ela demonstra se sua ação condiz com o que ele renunciou outrora ou não. O significado e o sentido de sua fala estão atrelados ao fazer. Por isso, quando se diz e não se faz, tem-se uma infelicidade performativa.

Dessa forma, a importância de todo o sistema dos atos de fala performativos concentra-se nas ações dos agentes falantes que estão no mundo, dado que suas ações e comportamentos são veículos pelos quais o fenômeno da intenção mostra-se no ambiente físico. Devido a isso, a necessidade de uma gramática das intenções para aferir atitudes e comportamentos dos falantes em contraste com suas respectivas falas surge ao se ter todo um aparato linguístico advindo das ações desses agentes. Dado isso e dados tais critérios e princípios, pode-se acessar a intenção de quem enuncia. A suposta gramática da intenção ajudaria a distinguir motivos de agir,

intenções, causas mentais, etc. O mundo físico recebe esse deságue por meio das atitudes e das ações de seus agentes. Se as ações se relacionam com as intenções, então as ações chegam no mundo físico com um elemento de caráter futurista. Sobre isso, Anscombe afirma que

Ninguém está propenso a acreditar que seja um acidente, uma meta questão de psicologia, que aqueles estados mentais que são intenções sempre têm que ver com o futuro, no sentido em que, como se diria, é uma questão de psicologia racial a maioria das tradições históricas mais antigas se remeterem a figuras heróicas (Anscombe, 2023, p. 19).

De acordo com a passagem acima, pode-se afirmar que o elemento futurista é a marca principal da intencionalidade. Ele marca as expressões de intenções dos agentes falantes no mundo físico. Por isso, ele serve de fio condutor para mapear o elemento intencional no mundo. O elemento intencional das atitudes e ações é capturado pela "**razão de agir**" dos falantes, pois ela possui um interesse futurista na sua essência e *uma carga intencional de lucro*. O agente calcula se aquilo que direciona suas intenções deve ser necessariamente proveitoso de acordo com a sua razão de agir. Assim, ele busca sua meta.

Os agentes sempre formulam a pergunta "**por quê?**". A resposta é o que os move. Isso é diferente de perguntar "**para quê?**", pois, esta interrogação já se encontra saturada de forma natural na mente humana. Age-se de forma natural para se chegar a um fim específico e determinado direcionado pelos interesses nutridos pela intencionalidade do agente. Sendo assim, age-se para este fim, mas em direção a algo futuro. Algo que responda a pergunta "**por que?**". Aqui, trata-se de um querer. Portanto, não é um "desejo ocioso" (Anscombe, 2023, p. 75), mas um querer pontual. Algo que motiva a existência do agente marcada pelo fenômeno da desejabilidade que alimenta sua intenção e vontade de agir. A desejabilidade dos agentes é um fenômeno voluntário e teleológico.

Assim, as ações ganham notoriedade e significado no jogo pragmático. Desse modo, elas revelam conteúdos elementares para a análise das intenções dos agentes no escopo performativo da língua. Com isso, a intenção dos agentes sempre se encontra vinculada a algum interesse futuro. Essa ação nutre interesses futuros e serve de matéria prima para a análise da intenção dentro dos atos de fala performativos. Nesse sentido, a razão para agir dos agentes conduz todo o processo.

Ela é a base para a descoberta do motivo para uma ação, assim como é base para mapear a intenção do agente. Isso tudo desemboca em uma ação intencional e em expressões de intenção. Pois todo agente é nutrido por um desejo alimentado por uma intenção soberana que governa todos os outros estados intencionais abaixo. As ações são intencionais e a intenção torna-se funcional, pragmática e performativa.

Todos estes elementos são revelados no mundo físico por meio da materialidade da ação de fala. Dessa forma, o conteúdo traz consigo certa carga de sentido e significado a partir de um contexto de fala específico. Cada enunciado performativo, na sua cadeia de enunciação, é nutrido pelas regras da linguagem ordinária dentro de seu contexto de produção. Tudo isso traduz sentido e significado quando considerados a partir do viés performativo da língua. A infelicidade performativa é a fonte primária da análise da estrutura das ações dos agentes no mundo público. Portanto, se alguém quiser saber o significado de uma sentença performativa proferida dentro de uma cadeia de enunciação específica (contexto de fala), deve olhar para o ato de fala total sem esvaziar nenhuma de suas partes. O sentido e o significado de uma sentença performativa são analisados pelo prisma do dito e pelo crivo do agir no mundo. Ações, atitudes e comportamentos geram e revelam intenções. Nesse sentido, portanto, essas ações devem ser analisadas a partir do seu teor de (in)felicidade performativa. Assim, a infelicidade performativa é a base para uma análise mais precisa das ações de fala no mundo real e só podem ser descobertas na concretude do dito.

4 CONCLUSÃO

O objetivo geral desta dissertação era analisar a noção de infelicidade performativa e como ela se entrelaça com a intencionalidade dos falantes. A análise mostrou que a infelicidade performativa é um fenômeno presente nos atos de fala que decorre da relação entre o dizer e o fazer. Esta carimba o mundo com uma ação. Nesse sentido, mostrou-se a relevância do ato de fala total. O ato de fala que vai da fala à ação e que (re)vela a intenção do falante. A ação deve estar conectada com o ambiente de fala que lhe antecedeu. Caso haja uma discrepância entre o dizer e o fazer, logo se configura a infelicidade performativa estampada em uma ação futura. Sendo assim, a infelicidade performativa é um insucesso na cadeia da enunciação. Ela é uma falha dentro do sistema do ato de fala total que, de alguma forma, denuncia a verdadeira intenção do falante. Com isso exhibe uma ruptura entre o dizer e o fazer. Daí a máxima *quando dizer é fazer*. Nesse percurso, diversos elementos surgem materializados no dito por meio do comportamento e das atitudes dos falantes. A análise também mostrou que o pensamento se revela pela linguagem, e a linguagem performa o mundo com uma ação. Desse modo, essa ação encontra-se (ou não) acarretada de (in)sucessos e/ou falhas que descaracterizam o dito e acusam a infelicidade na performance. Sendo assim, para desenvolver o objetivo geral, a dissertação foi composta de dois capítulos. O primeiro capítulo intitulado “Os atos de fala como ações performáticas no mundo: o cenário ideal para a (in)felicidade performativa”. O segundo intitulado “A praxiologia do querer: a dinâmica da infelicidade performativa”.

O objetivo principal do primeiro capítulo foi analisar a temática dos atos de fala performativos como a principal estrutura que une linguagem e mundo. Agora, a linguagem diz o mundo e realiza ações em seu interior. A linguagem performa o mundo. Nesse sentido, destacou-se a falácia descritiva e deu-se ênfase à dimensão performativa da língua em detrimento de sua dimensão constatatativa-descritiva. A linguagem descreve ou constata as mais diversas configurações de mundo, mas também performa o mundo e o transforma pelas ações dos falantes. Nesse sentido, existem enunciados que ao serem proferidos realizam ações no mundo concomitantemente com o dito. No entanto, quando se diz e não se faz, tem-se uma performance infeliz que precisa ser denunciada por meio de uma gramática da ação. A grande inovação dentro da proposta de Austin é olhar para as ações advindas dos

mais diversos atos de fala performativos e averiguar se elas trazem consigo elementos de performatividade equivalentes às falas que as geraram. Assim, para se saber o significado de um ato de fala performativo deve-se olhar para a ação que ele gerou no mundo, pois a ação válida ou não o ato de fala performativo. O ato de fala será feliz (com sucesso performático) ou infeliz (com insucessos performáticos). O ambiente locutório legitima a teoria dos atos de fala performativos e traz inúmeras contribuições para que os processos da linguagem ordinária possam ser mais bem avaliados. Sobretudo com a noção de que falar é agir no mundo e que existe a possibilidade de emitir enunciados carregados de infelicidades performativas, nos quais o dizer e o fazer não se conectam dentro de um contexto pragmático filosófico. Com isso, demonstrou-se que a teoria austiniana ajuda a mapear esses elementos e mostra uma nova face da linguagem, pois ela é uma abordagem pragmática e visa identificar o elemento intencional dos processos comunicacionais. As ações dos falantes estão carregadas e nutridas de elemento intencionais. Pelas ações dos falantes no mundo é possível averiguar a conexão entre a intenção, o dizer e o fazer.

O segundo capítulo teve por objeto principal a análise do estudo da ação humana com foco no binômio desejabilidade/querer que cada falante possui. Toda ação no mundo é nutrida por um interesse de quem fala. Essa dimensão subjetiva se materializa por meio de outro binômio: a praxiologia do dito/a praxiologia do querer. Nesse sentido, a análise mostrou que o ser humano sempre age visando sair de um estado de desconforto maior e ir para um estado de desconforto menor. Para tanto, ele utiliza a linguagem como ferramenta principal e performa o mundo em que vive. Com isso, surge a concepção de que os processos comunicativos devem levar em conta a ação humana no mundo. Isso se tornou imprescindível para se classificar um ato de fala à luz de seu contexto de produção: se ele é coerente com a realidade que o produziu; se ele tem conexão com os fatos, ou não; se possui sentido e significado dentro da cadeia enunciativa que o gerou ou se é isolado e desconexo desses elementos. Assim, atende-se às exigências de sucesso performativo e elimina-se quaisquer elementos de infelicidades performativas. Isso ocorre tanto no âmbito funcional quanto no passional que os atos de fala exigem. Consequentemente, o ato de fala torna-se eficiente, ou seja, comunicativo. Nesse sentido, demonstrou-se que a noção de infelicidade performativa é a métrica do sucesso ou insucesso dos atos de fala. A performance do dito é o critério que concede sentido e significado ao ato de fala e serve de base para que o dito seja avaliado concomitantemente com a ação que

este ocasionou no mundo. Assim, a língua inclui regras sociais específicas com particularidades e peculiaridades inerentes à produção do dito e aos costumes e usos sociais. Por isso, as ações podem servir de parâmetro para que se julgue as intenções dos agentes no mundo, pois elas são o veículo que conduz a intenção do mundo privado do falante para o mundo público. Se existe uma ação no mundo, existe intencionalidade envolvida e algo intencionado em potência que logo será materializado. Isso consiste no que se pode classificar como "*estágios pré-intencionais*" (Anscombe, 2023, p. 67). Por isso, a arquitetônica pragmática da linguagem vislumbra o elemento intencional em três fases: intenção, expressões de intenções e estágios pré-intencionais²⁰. Desse modo, não existe um estado completamente neutro ou nulo em relação às intenções. A intenção permeia todo processo de fala e não existe a possibilidade de alguém falar e/ou agir sem intenção. Sendo assim, todo processo dos atos de fala performativos é marcado pelos elementos intencionais: querer, vontade, desejabilidade, etc. O tecido social é permeado pelo interesse de agir dos agentes. Este é constituído pelo "querer" e pela "desejabilidade" que estão presentes em toda a malha social e em todas as esferas do dizer e do fazer. Com isso, atitudes, ações, comportamentos entrelaçam-se com palavras. Tais elementos sempre apontam para uma característica e um interesse futuro, que se revelam no querer e na vontade de agir.

²⁰ A intenção é soberana e permeia a fala e as ações dos agentes. Dessa emana e derivam diversas expressões de intenções. E quando uma dessas expressões de intenções permanece como uma imagem mental mais duradoura, tem-se os estágios intencionais. Conforme Anscombe, 2023, p. 121.

5. REFERÊNCIAS.

- ANSCOMBE, G. E. M. **Intenção**. Associação Filosófica Scientiae Studia. São Paulo, 2023.
- ANSCOMBE, G. E. M. **Intention**. Harvard: Harvard University Press, 2000.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**: volume II / Aristóteles; ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale; tradução Marcelo Perine. - 3 ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**: Harvard Univ. Press, 1955.
- AUSTIN, J. L. **Other Minds**. In: Philosophical papers. Oxford: Oxford University Press p. 76-116. Inicialmente publicado em: Proceedings of the Aristotelian society (Supplementary Volume, 20). Simpósio: p. 122-197. Artigo de Austin no Simpósio: p. 148-187, 1946/1961a/1970.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- AUSTIN, J. L. [1950]. **Truth**. Proceedings of the Aristotelian Society, supp. v. 24, p. 111-128. In: Lynch, 2001, p. 25-40.
- AUSTIN, J. L. **Sentido e Percepção**; tradução Armando Manuel Mora de Oliveira. – 3º ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021.
- AUSTIN, J. L. **Sobre Atos de fala**. In: **Os Pensadores** — Ryle, Austin, Quine, Strawson. Nova Cultural, São Paulo, 1989. Traduzido por Balthazar Barbosa Filho.
- AUSTIN, J. Langshaw; STRWSON, P. F; COUSIN, D. R. C. **Symposium: Truth: Proceedings of the Aristotelian Society, Supplementary**. Volumes, Vol. 24, Physical Research, Ethics and Logic (1950), pp. 111-172.
- BAKHTIN, Mikahil; (VOLOSHINOV) **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAKHTIN, Mikahil. **Estética da criação verbal**. [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl] — 2º cd. —São Paulo Martins Fontes, 1997.
- BORNHEIM, G. A. **Os filósofos pré-socráticos**: Cultrix. São Paulo, 2016.

BRANDON, Robert. **Making it explicit: Reasoning, representing, and discursive commitment**. London. Harvard University press, 1998.

Escritos Coligidos: PEIRCE, C. S. In: Os pensadores - Seleção de Armando Mora D'Oliveira; tradução de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum; FREGE, G. - Seleção e tradução de Luís Henrique dos Santos - Abril Cultural, 1974.

Sobre Pragmatismo. In: Os Pensadores - Peirce. Seleção de Armando Mora D'Oliveira; tradução de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum — 2ª ed. — São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Gustafsson, M. and E. Sørli, (eds.), 2011, **The Philosophy of J. L. Austin**: Oxford University Press.

HACKER, P. M. S. **The autonomy of humanistic understanding**. In: HACKER, P. M. S. **Wittgenstein: connections and controversies**. New York: Oxford University Press, 2001.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura** - Os pensadores - Vol. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

Lycan, William G. **Philosophy of language: a contemporary introduction-routledge**. – 2nd ed. p. cm. – (Routledge contemporary introductions to philosophy) Includes bibliographical references and index. 1. Language and languages – Philosophy. I. Title. P106.L886 2008.

MARCONDES, Danilo. **Filosofia, linguagem e comunicação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MACCORMICK, Neil. **Legal reasoning and legal theory**. Oxford: Clarendon, 1978.

MACCORMICK, Neil. **Institutions of law**. Oxford: Oxford university, 2007.

MORENO, Arley. R. **Introdução a uma pragmática filosófica**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

MINGUENS, Sofia. **Austin, o realismo de Oxford e a epistemologia: uma releitura de Other Minds**. In: Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 28 n. 44, p. 653 – 589, Maio/Ago. 2016.

OTTONI, P. 1988. **Performativo: Austin e Benveniste**. Estudos Linguísticos, XVI. Taubaté-SP: 221-8.

OTTONI, P. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

PENCO, Carlos. **Introdução a filosofia da linguagem**; Trad. Ephraim F. Alves – Petrópolis I, RJ: Vozes, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

REGUERA, Isidoro. **Ludwig Wittgenstein**. Madrid: Edaf, 2002.

RUFFINO, C. A. M. **Contingent A Priori Truth: Metaphysics, Semantics, Epistemology and Pragmatics**. Springer, 2022.

SAVAS, Tsohatsidiz. L. **Interpreting J. L. Austin: critical essays**-cambridge university press 2017.

SEARLE, J. R. **Consciência e Linguagem**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010a.

SEARLE, J. R.. **Expressão e significado: estudos da teoria dos Atos de Fala**. São Paulo, Martins fontes, 2002.

SEARLE, J. R.. **Expression and Meaning: studies in the theory of speech acts**. London: Cambridge University Press, 1979.

SEARLE, J. R. **Intencionalidade**. São Paulo, Martins Fontes, 2002b.

SEARLE, J. R. **Os Actos de fala: um ensaio de Filosofia da Linguagem**. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

SEARLE, J. R. **Speech Acts: an essay in the philosophy of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SEARLE, J. R. **The Rediscovery of Mind**. Cambridge: MIT Press, 1992.

VANDERVEKEN, D; MELO, S. C. J. **Atos ilocucionários e discursos jurídicos na língua portuguesa**. Aufklärung, João Pessoa, v.6, n.2, Mai-Ago., 2019, p. 11-46.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Lógicus-Philosophicus**. CIA Editora Nacional, São Paulo, 1968.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo, Abril cultural, 1979.